



Departamento de Sociologia

## Museus e Comunidade: Museu Móvel, uma pesquisa itinerante

Ana Raquel Belchior

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre  
em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientador:

Mestre José Soares Neves

Assistente de Investigação

Observatório das Actividades Culturais

Setembro 2011

## AGRADECIMENTOS

O meu primeiro agradecimento dirige-se ao Museu Carlos Machado, à sua Direcção e a toda a equipa. A disponibilidade que todos demonstraram em responder às minhas questões foi de facto essencial para a realização deste trabalho, cujas páginas não podem conter toda a experiência pessoal recolhida. Agradeço a Duarte Melo e a Maria Emanuel Albergaria, por terem aceite e acolhido esta investigação e pela concepção deste Museu Móvel tão importante e tão especial; a João Paulo Constância pela partilha de ideias, ideais e utopias; a Sílvia Fonseca e Sousa pela preciosa ajuda na compreensão da realidade Museológica da ilha; a Célia Pereira, cujos testemunhos foram de extrema relevância para este trabalho; a Diana Diegues, pela liberdade com que acredita e permite acreditar; a Raquel Gomes e a Telma Silva, companheiras de várias jornadas e inquietações, pelo essencial apoio; ao Francisco e ao Sr. António.

A minha estadia ficou marcada pelo regresso a uma casa que mais uma vez me acolheu da melhor forma. Por terem sido família, agradeço profundamente à Eduarda Bulhão Pato, à Rita Borges e a um Veríssimo sempre presente. À Raquel Monteiro e à Maria João Isidro, por tudo.

Finalmente, queria expressar o meu inteiro reconhecimento ao meu Orientador, o Professor José Soares Neves, pela paciência, dedicação e estímulo do primeiro ao último dia deste trabalho e, principalmente, por me ter feito interessar por uma área que me era quase desconhecida, fazendo-me mergulhar nos seus desígnios, história e contradições.

Este trabalho, com todos os seus defeitos e feitos, é inteiramente dedicado aos meus pais, à Wanda Viegas e ao Reis! Para o M.

## RESUMO

A dissertação que aqui se apresenta tem como principal objectivo contribuir para o estudo da relação entre as instituições culturais, nomeadamente os museus, e a comunidade. Pretende-se reflectir sobre um tipo de museu socialmente implicado que promove a inclusão de todos os públicos, estabelecendo uma relação pró-activa com as populações, fomentando uma melhor compreensão do seu património e apoiando o desenvolvimento local. Lugares de representação de memórias e identidades, os museus definem-se simultaneamente como espaços de participação, criação e partilha. Após análise histórica e teórica da evolução do conceito de museu, parte-se para a reflexão sobre o trabalho de campo desenvolvido na ilha de São Miguel, Açores, onde se acompanhou o trajecto do Museu Móvel, um projecto itinerante do Museu Carlos Machado, premiado pela Associação Portuguesa de Museus (APOM), em 2009, enquanto “melhor extensão cultural”.

Palavras-chave: museu, nova museologia, comunidade, território, identidade, memória.

## ABSTRACT

The present dissertation aims to contribute for the study of the relationship between cultural institutions, in this precise case, museums, and the community. We search for a socially implied museum that promotes the gathering of very different audiences, establishing a pro-active relation with the populations, contributing to a better understanding of its heritage and helping with the local development. Museums are simultaneously defined as places of memory and identity, and as places for participation, creation and common share. After an historical and theoretical analysis of museological concepts, the focus will be on the field research developed in São Miguel Island, in Azores, where we followed Mobile Museum (Museu Móvel), an itinerant project of the Carlos Machado Museum that has received the Portuguese Museum Association prize for “best cultural extension” in 2009.

Key-words: museum, new museology, community, territory, identity, memory.

AGRADECIMENTOS.....	ii
RESUMO/ABSTRACT.....	iii
INTRODUÇÃO.....	1
<b>PARTE I</b>	
CAPÍTULO I: <i>O MUSEU DE FORA PARA DENTRO</i>	
1. Ao encontro de uma <i>Nova Museologia</i> .....	6
2. O museu em Portugal.....	9
3. <i>O museu desce à rua</i> .....	12
CAPÍTULO II: MUSEUS E COMUNIDADE	
1. Museus e comunidade: uma experiência dialógica e de alteridade.....	14
2. Do que falamos quando falamos de comunidade?.....	16
3. O papel do museu.....	17
CAPÍTULO III: O MUSEU CARLOS MACHADO, UM MUSEU DE TERRITÓRIO	
1. Caracterização do território.....	21
2. Os museus em São Miguel.....	21
3. Caracterização do Museu Carlos Machado.....	22
4. Museu Móvel: um projecto do Museu Carlos Machado para o território.....	26
<b>PARTE II</b>	
CAPÍTULO IV: MUSEU MÓVEL, <i>UMA PESQUISA ITINERANTE</i>	
1. Museu Móvel: trajecto de uma investigação.....	32
2. Limitações do estudo.....	36
3. O Museu Móvel e a sua relação com a comunidade: <i>até onde e para quem?</i> .....	37
4. <i>Os objectos também falam</i> .....	41
CAPÍTULO V: A NARRATIVA DO MUSEU MÓVEL	
1. Ao encontro de memória(s) e de identidade(s).....	44
2. Museu Móvel: uma estória com futuro?.....	47
CONCLUSÃO.....	50
BIBLIOGRAFIA.....	53
ANEXOS.....	I
CURRICULUM VITAE.....	XIII



## INTRODUÇÃO

*O Museu deve ser um espaço de relação dos indivíduos e das comunidades com o seu património. Deve proporcionar elos de integração social, tendo em conta nos seus discursos e linguagens expositivas os diferentes códigos culturais das comunidades (...), permitindo o seu reconhecimento e a sua valorização.*

(Hernández, 1998)

A investigação que aqui se apresenta surge da convicção do importante papel que as instituições culturais, nomeadamente os museus, desempenham na sociedade, assim como da vontade de, a partir de um quadro teórico abrangente, reflectir sobre a funcionalidade e a problemática desse mesmo papel. A história dos museus e a dimensão social que esta acarreta foram factores decisivos na escolha do objecto de estudo do presente trabalho, onde se pretendeu incidir sobre a representatividade dos museus no seio da comunidade, à luz de projectos desenvolvidos por este tipo de instituição. Na abordagem a esta problemática, muitos foram os conceitos e concepções que incontornavelmente se ponderaram, de modo a responder da melhor forma a um conjunto de questões previamente colocadas, entre elas: como se operacionaliza a relação entre museu e comunidade; o que se entende por comunidade e o que a distingue do conceito de “público” ou “audiência”; e, finalmente, de que modo o museu, enquanto instituição cultural inserida num contexto contemporâneo de grandes transformações ao nível da comunicação e da aculturação, aparece como figura de salvaguarda de uma memória e de uma identidade colectivas.

Há muito se percebeu que a relação “museu – comunidade” é um dos eixos essenciais no exercício da função social que, indiscutivelmente, os museus do presente e para o futuro devem aprofundar e sustentar. Já em 1972, na Declaração de Santiago (UNESCO/ICOM), se anunciava um novo modo de pensar o museu como uma “instituição ao serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui em si os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que serve”, traduzindo, deste modo, um virar de rumo quanto ao modelo anteriormente instituído que via ainda o museu como uma estrutura elitista e inacessível a grande parte da população. No entanto, parece-nos pertinente a observação de Moutinho (1998) quando chama a atenção para o facto de que “não foi a Museologia tradicional que evoluiu para uma Nova Museologia mas sim a transformação da sociedade que levou à mudança dos parâmetros da Museologia”. Esta afirmação leva-nos a sublinhar a ideia de um museu comprometido com os fenómenos sociais, cabendo-lhe, como este estudo também tenciona reforçar, a responsabilidade de identificar problemáticas e posicionar-se perante elas, de promover a participação da comunidade e a inclusão de

todos os públicos, apoiando na sua formação enquanto indivíduos e, finalmente, de proteger e sensibilizar essa mesma comunidade para o *seu* património material e imaterial. Ainda assim, dentro deste contexto não podemos também esquecer que, tal como afirma Anico (2008), “o relacionamento dos Museus com a sociedade é complexo, multidimensional e está em constante transformação, submetido à influência e aos desafios de um contexto político, social e económico em mudança.”

Conscientes de que a escolha de um caso de estudo se configuraria como essencial, embora não rematasse os objectivos desta dissertação, foi necessário escolher caminhos e definir prioridades, no sentido de tentar compreender o que sustenta esta relação entre museu – instituição pública (no caso escolhido) – e comunidade, entidade colectiva, que significa muito mais do que um grupo de pessoas que partilham um mesmo lugar, onde aliás, muitas vezes, se confundem e dissolvem os limites entre proximidade e distância, entre proximidade e estranhamento.

Esta dissertação estrutura-se assim fundamentalmente em duas partes distintas que se pretendem complementares. Na primeira parte situa-se a instituição museu no contexto social actual, demonstrando que esta instituição se situa numa rede social caracterizada por dimensões várias e cada vez mais abrangentes, como sejam, locais e globais, temporais e espaciais. A abordagem que fazemos à (re)evolução do conceito museu, com ênfase no que trouxe o pensamento da Nova Museologia, pareceu-nos fundamental, uma vez que situamos a relação “museu – comunidade” como fruto dessa nova *filosofia* e entendimento das funções sociais da instituição Museológica. Ainda neste seguimento, será também brevemente abordado o percurso da Museologia em Portugal, incidindo sobretudo no período da segunda metade do século XX, época de profundas transformações sociais e políticas que não deixaram obviamente de influenciar o sector Museológico. O levantamento bibliográfico realizado teve como objectivo a construção de um quadro teórico que permitisse contextualizar a problemática do estudo. Revelando-se de extrema importância, esta etapa exploratória tomou por mote as palavras de Idalina Conde (2010) ao afirmar a necessidade da criação de um *framework*, ou quadro de referências, que se possa servir da teoria enquanto meio para a essencial construção de um “caminho próprio”.

No final da primeira parte, e após uma breve contextualização da instituição Museológica, partimos para uma reflexão sobre o objecto de estudo deste trabalho: o Museu Móvel (MM), um projecto do Museu Carlos Machado (MCM), o mais antigo e emblemático museu dos Açores, cuja formação data de 1876. O projecto Museu Móvel consiste, tal como o próprio nome evidencia, num museu itinerante que visita semanalmente diversas instituições e freguesias da ilha de São Miguel, nomeadamente Escolas, Centros de ATL<sup>1</sup>, Casas do Povo, Centros Sociais e Lares de Acolhimento, entre outros. O Museu Móvel apresenta assim alguns aspectos específicos que se mostraram de uma máxima pertinência para o presente estudo: a casualidade de ser o único museu itinerante no país; a

---

<sup>1</sup> Actividades de Tempos Livres.

especificidade de desenvolver a sua actividade num território insular; a circunstância de estar relacionado com o Serviço Educativo do MCM; e o facto de ter como principal objectivo o contacto directo com as populações da ilha, sobretudo aquelas que se encontram mais distanciadas dos núcleos centrais do MCM<sup>2</sup>. Aliado a estas questões, o facto da sede principal do MCM se encontrar encerrada ao público, enfatizou a *singularidade* deste projecto, sublinhando o desejo do Museu, não só, de continuar a comunicar com o exterior, como também de potenciar futuras relações comunitárias e institucionais.

Caracterizada pela pesquisa que assume uma “presença prolongada no contexto social em estudo, assim como o contacto directo com as pessoas, as situações e os acontecimentos” (Costa e Guerreiro, 1984), a segunda parte deste trabalho visa apresentar os métodos, processos e resultados de uma investigação de campo que se desenrolou durante um período de dois meses e meio, período em que se procurou todo o tipo de documentações e registos sobre o objecto de estudo, em que se procedeu ao registo diário de observações, e em que se filmaram e fotografaram pessoas e lugares. O objectivo desta opção acabou por ir ao encontro do que Campenhoudt e Quivy (1992) definiram como aquilo que se aprende no final do “que é geralmente qualificado como trabalho de “investigação social”, ou seja, compreender melhor os significados de um acontecimento (...) ou captar com maior perspicácia as lógicas de funcionamento de uma organização.” Para além do trabalho de observação *in situ*, foram elaboradas um conjunto de entrevistas a diferentes protagonistas, tendo sido este o método privilegiado para uma melhor compreensão dos pressupostos e dinâmicas do projecto em estudo. António Firmino da Costa (1984) afirma que “o principal instrumento de pesquisa é o próprio investigador” tendo este como missão “observar os locais, os objectos e símbolos, observar as pessoas, as actividades, os comportamentos (...), as maneiras de fazer, de estar e de dizer, observar as situações, os ritmos, os acontecimentos”. Na senda destas palavras, a pesquisa de terreno realizada caracterizou-se pela observação participante no contexto do Museu e do projecto MM, estando assim presente nas “situações rotineiras do quotidiano” (*idem*), respeitando o horário do Serviço Educativo, partilhando as instalações de trabalho e acompanhando as visitas do MM. Este último ponto foi de facto o mais importante pois possibilitou ir ao encontro de dois objectivos: a observação da dinâmica de trabalho da equipa do MM, nos seus conteúdos e práticas; e a observação da recepção do MM pelos destinatários do projecto, tanto pela forma como cada instituição recebia o MM, como pela importância que a mesma revelava dentro da comunidade à qual pertencia, tanto pelo modo como os diferentes públicos se apropriavam dos conteúdos sugeridos, como pela maneira como reagiam às actividades propostas. Para além deste processo continuado, a investigação pressupôs também a

---

<sup>2</sup> Aqui faz-se referência ao núcleo de Arte Sacra, núcleo de Santa Bárbara e núcleo de Santo André. Estes núcleos compõem o Museu Carlos Machado. O núcleo de Santo André constitui-se como principal edifício do MCM e encontra-se encerrado para obras desde 2006.

integração em “alguns acontecimentos ocasionais” (*idem*), como a estreia do documentário *Matança*, o acompanhamento de algumas actividades do Serviço Educativo, as visitas orientadas e outros acontecimentos no espaço do Museu (por exemplo uma peça de teatro e uma conferência no âmbito do Dia dos Monumentos e Sítios).

Apesar do acompanhamento das visitas do Museu Móvel a diferentes instituições da ilha ter sido claramente preponderante na compreensão dos pressupostos, desafios e resultados desse mesmo projecto, o próprio *museu itinerante* invocava uma interpretação e reflexão do seu discurso e seus significantes, sendo que a fase de entrevistas e contacto com os protagonistas envolvidos se mostrou de grande importância e aprendizagem. A escolha desta técnica relacionou-se com a possibilidade de sedimentação dos conhecimentos adquiridos no contexto de observação, e com a vontade de compreensão do envolvimento e da implicação dos responsáveis pelo projecto, assim como das “práticas e narrativas” a este inerentes (Costa, 2001). Desta forma, serão essencialmente tidas em conta as entrevistadas realizadas aos profissionais implicados no Museu Móvel, a saber: Duarte Melo (Director do MCM); Maria Emanuel Albergaria (Coordenadora do Serviço Educativo e do MM); Sílvia Fonseca e Sousa (Coordenadora da Colecção de Etnografia Regional); João Paulo Constância (Coordenador da Colecção de História Natural); Raquel Gomes (Responsável Técnica do Serviço Educativo e do MM); e Telma Silva (Responsável Técnica do Serviço Educativo e do MM).

Durante este período, foram também entrevistados dois elementos da Cooperativa Cresaçor, parceira institucional do projecto MM, a saber: Célia Pereira (Directora da Cresaçor) e Diana Diegues (Coordenadora das Criações Periféricas – Departamento Sócio-cultural da Cresaçor). Posteriormente, foi também entrevistado João Neto, Presidente da Associação Portuguesa de Museologia (APOM), entidade que em 2009 atribuiu o prémio de “Melhor Extensão Cultural” ao Serviço Educativo do MCM, do qual se distinguiu o projecto Museu Móvel<sup>3</sup>. Pontualmente dar-se-á relevância a um ou outro testemunho dos responsáveis pelas instituições que receberam o MM, seus utentes ou alunos, registados em conversas informais que se procuraram ter aquando das visitas. Porém, uma vez que estes eram já submetidos a um questionário do próprio MM<sup>4</sup>, decidiu-se, também por falta de disponibilidade das partes, não incidir nestas entrevistas, analisando posteriormente os questionários. Toda a etapa de entrevistas permitiu conhecer melhor as motivações e origens deste projecto, assim como compreender as expectativas dos seus intervenientes. As entrevistas foram semi-dirigidas<sup>5</sup>, sendo que muitas delas acabaram por exceder as expectativas da entrevistadora, tanto pelo conteúdo das respostas como pela forma e entusiasmo como cada um participou, tendo os diferentes

---

<sup>3</sup> Cf. Anexo E.

<sup>4</sup> Cf. Anexo D.

<sup>5</sup> Cf. Anexo A.

testemunhos permitido uma observação poliédrica do projecto MM, compreendendo pontos de vista tão distintos como complementares.

O guião inicial, que possuía algumas perguntas chave desenvolvidas a partir de temas concretos que se pretendiam explorar, foi sendo alterado à medida que se acompanhavam as visitas do MM, sobretudo através da introdução de novas questões que foram surgindo, relativas sobretudo à noção da distância física e psicológica que se desenha entre Ponta Delgada e as freguesias mais afastadas desse centro. Apesar dessas alterações, as questões com que se iniciou esta pesquisa foram sensivelmente as seguintes: como nasceu o projecto MM; qual o conhecimento pré-existente da comunidade; qual a sua finalidade, os seus objectivos e meios mobilizados; como é constituída a equipa; que objectos/obras compõem o MM e porquê a sua escolha; qual a dinâmica desenvolvida nas visitas; de que forma o Museu contribui para uma construção e/ou manutenção de uma identidade cultural local; como se distinguem as formas de apropriação individuais e colectivas neste tipo de abordagem; e como é elaborada a recolha e a análise desses resultados. Uma outra questão esteve presente desde o início, prendendo-se com a pertinência e a expectativa pessoal que cada um dos intervenientes possuía face ao futuro do MM, antevendo a re-abertura da sede principal do MCM.

Assim sendo, as entrevistas tiveram como objectivos principais: um melhor conhecimento da realidade da instituição; um maior entendimento de todo o processo e experiência de existência do MM (e também do que isso representa para as pessoas que dele fazem e fizeram parte integrante); e paralelamente, a exploração e recolha dos pontos de vista daqueles que recebem o MM. Estes factores possibilitaram uma reflexão aprofundada sobre aspectos fundamentais na abordagem da temática supracitada, entre eles: a relação directa do Museu com a comunidade; o tipo de projectos desenvolvidos; o estudo e preservação do património material e imaterial; o contributo na construção e preservação da identidade local/regional; e a abrangência da acção educativa dos museus.

## PARTE I

### CAPÍTULO I: O MUSEU DE FORA PARA DENTRO

*Conservadas as colecções, julgam muitos que a missão do Museu terminou (...) as colecções não são já apanágio de alguns, daqueles que por razões de circunstâncias especiais (...) têm acesso a meios de desenvolvimento cultural. As colecções, os patrimónios dos Museus, serão para que estes se integrem no seu tempo ao serviço da colectividade, não só para contemplação, para satisfação de curiosidades particulares, mas sobretudo para a sua educação e promoção cultural.*

(APOM, 1975)

#### 1. Ao encontro de uma *Nova Museologia*

Tendo em conta que os museus são “fruto de uma época sócio-temporal e cultural muito característica” (Magalhães, 2005), neste capítulo destacam-se alguns episódios daquilo que se constitui como parte da *história Museológica*: da prática do coleccionismo ao surgimento dos gabinetes de curiosidades; da profunda ligação dos museus a uma nova imagem de nação; da instituição de carácter “elitista” à instituição que se implica socialmente. Desta forma, julgou-se indispensável destacar algumas das rupturas e transformações conceptuais e operativas que se deram ao nível das instituições Museológicas, como do próprio conceito de *museu*.

Actualmente, a forma como o museu é visto, vivido e experienciado está intrinsecamente ligada a uma interpretação contemporânea do espaço público, aberto a todos e de acesso muitas vezes gratuito ou meramente simbólico. O museu de hoje trabalha a sua imagem, programa, estuda e caracteriza o seu público e promove-se junto deste tendo em conta as suas especificidades. É, acima de tudo, uma instituição que se pretende interdisciplinar, aberta e implicada na sociedade. Assim, a invocação de um pouco da história dos museus pretende também ir ao encontro de uma reflexão sobre aquilo que hoje os museus representam na sociedade. Atenta-se mais concretamente nos museus que definem a sua identidade também pela aposta numa comunicação relacional e específica, e não, como refere Hernández (1980), num tipo de instituição que se converte num meio de comunicação de “massas”. Por mais controversas que as instituições Museológicas possam ser, pois justamente a sua variedade é enorme, a sua função é sempre a de tentar encontrar um equilíbrio entre aquilo que se constitui como o seu acervo e a forma como decide expô-lo. Neste sentido, a sua identidade é resultado desse equilíbrio e não da massificação do seu consumo, pois ao invés de rumar de acordo

com um sentido democrático e de alteridade pode sim abraçar “consequências de homogeneização de formas e mensagens” (Silva, 2000).

A noção actual de um museu que comunica e se relaciona com o exterior ocorre somente na segunda metade do século XX e apresenta-se, em grande parte, proveniente do pensamento da *Nova Museologia* que, a partir da década de 60, emergiu para uma convicção universal de que os museus existem para servir os públicos e a comunidade, o que vem encorajar novas direcções de relacionamento com o exterior social (Faro, 2006). Ao recuar-se um pouco no tempo, percebe-se que a palavra *museu* comporta em si rupturas várias, tendo sido compreendida e utilizada com objectivos diferentes em tempos diferentes. Pode-se assim falar de uma evolução natural em que o espaço denominado *museu* se foi transformando em diferentes lugares. Ou seja, e recorrendo novamente a Hernández, os museus, que eram previamente considerados como “asilos póstumos”, “mausoléus”, ou “santuários”, vão-se convertendo em “lugares de interpretação, estudo e investigação”.

Durante vários séculos, as responsabilidades dos museus encontravam-se profundamente relacionadas com uma elite política e cultural que a si tinha acesso, limitando-se à salvaguarda dos seus edifícios e das suas colecções. A prática do coleccionismo, que se encontra aliás na génese de muitos museus<sup>6</sup>, acabava por ilustrar “os universos de referências associados aos indivíduos responsáveis, bem como à sociedade e respectivo contexto histórico” (Anico, 2008). Os famosos gabinetes de curiosidades que vão surgir um pouco por toda a Europa entre os séculos XVI e XVIII, caracterizavam-se por uma “justaposição de objectos científicos e artísticos”, apresentando-se como “uma tentativa de representação do mundo, como se de enciclopédia(s) se tratasse(m)” (*idem*).

Será no decorrer do século XVIII que os denominados gabinetes darão progressivamente origem a museus (nomeadamente de História Natural) numa perspectiva de partilha de conhecimento e abertura a um público mais generalizado, aspectos decorrentes de uma nova visão Iluminista que então vigorava. Neste seguimento, a propagação de museus foi também marcada pelos fenómenos políticos e sociais, caracterizados pelos movimentos nacionalistas e a formação de Estados-Nação (Anico, 2008). Baseados na sua maioria numa construção simbólica e legitimadora da ideia de nação, os museus apresentavam, ao nível do seu discurso, um profundo compromisso com o “esteticismo do poder” e com os valores de ordem social referentes à classe burguesa. Os museus gerados dentro do “espírito nacional” distinguiam-se pela sua ambição pedagógica relacionada com a construção de nacionalidades e com a disseminação dos valores burgueses, glorificando a antiguidade dos acervos e dos acontecimentos a eles relacionados enquanto factores determinantes na comunicação com o visitante. São exemplos disso mesmo os denominados museus ou galerias nacionais, criados sobretudo entre os séculos XVIII e XIX a partir “da história e cultura nacional, de carácter celebrativo” (Julião, 2000). Em Portugal, e tal como descreve Cristina Pimentel (2005) legitimando o acima exposto, “não

---

<sup>6</sup> Como no caso do Museu Carlos Machado.

é (...) surpreendente que o primeiro Museu público a ser criado (...) pela Coroa Portuguesa fosse um espaço de contemplação estética, onde a história da “nova” nação liberal e democrática se manifestava através da produção artística”.

A relação do museu com os seus visitantes e o próprio estudo do seu público parecem ter sido factores desvalorizados até à segunda metade do século XX, altura em que se começa a assistir às grandes transformações sociais e ideológicas que iriam trazer uma nova orientação à Museologia, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. É nesta fase que Pearce (1994) identifica como o período pós moderno da história dos museus, “que se inicia e (...) se inserem as novas fórmulas e modelos Museológicos”<sup>7</sup>. Estas mudanças vão representar uma valorização do património e da ideia de identidade, assim como uma noção de museu “mais funcional e democrático” com “novas e mais sofisticadas aplicações técnicas e Museográficas, dedicando-se a actividades de carácter mais didáctico” (Faro, 2006). Neste seguimento, será no ano de 1947 que o ICOM<sup>8</sup>, sob a égide da UNESCO, elabora a primeira definição “oficial” de museu. Porém, tendo em conta o desenvolvimento da sociedade e as próprias problemáticas contemporâneas, esta noção foi sendo redefinida, tendo em 2007 a sua última versão, a qual distingue o museu como “uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição” (ICOM, 2007).

É sobretudo a partir da década de 60 do século XX, período aliás de grandes “críticas ao centralismo e burocratização do Estado, à reprodução das desigualdades (...) tendo como alvo as instituições em geral” (Ferreira, 2003), que se inicia uma tentativa de rompimento com a visão do museu estabelecido enquanto instituição apenas acessível a uma elite, fazendo nascer novos critérios que determinaram, por sua vez, renovados conteúdos programáticos, expositivos e comunicacionais. Ao afirmar que “as políticas radicais dos anos 60 encorajaram os profissionais dos museus a estarem mais conscientes do propósito social dos museus e levaram-nos a examinar o seu papel na sociedade em geral.”<sup>9</sup>, Bennet (1995) revela-nos mais sobre esta evolução, também ela conceptual, ao evidenciar o momento de transformação de um conceito de museu “monológico”, de certa forma *virado para dentro*, para uma concepção do museu “dialógico” da pós-modernidade, onde se acentua a relação do museu com a sociedade, a noção de zonas de contacto locais e/ou globais e a construção da identidade e transculturalidade (Anico, 2008). A mudança para uma nova concepção de museu está, como já foi referido, intimamente ligada ao Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM)<sup>10</sup>,

<sup>7</sup> Pearce identifica quatro períodos da história dos museus: primeiro período – Arcaico; segundo período – Pré-Moderno; terceiro período – Modernidade Clássica; e quarto período – Pós-Moderno.

<sup>8</sup> International Council of Museums.

<sup>9</sup> Tradução minha.

<sup>10</sup> MINOM foi fundado em 1985 em Lisboa, durante o 2º encontro internacional de Nova Museologia.



que procurou reformular directrizes e reequacionar o papel dos museus na sociedade e que, apesar de partir de uma especial incidência nos países da América Latina, viria mais tarde a atingir uma abrangência internacional.

A este Movimento estão ainda associados manifestos muito representativos, como a declaração de Santiago do Chile em 1972, a declaração de Quebec e de Oaxtepec, ambas em 1984, ou a Declaração de Caracas em 1992, as quais foram lançando um conjunto de novos desafios ao espaço Museológico, baseados na função social que este deveria sustentar. Entre esses desafios chamamos a atenção para aqueles que consideramos ainda hoje pertinentes: o reforço da relação território – património – comunidade; a necessidade do diálogo e da participação comunitária; a compreensão do património através de uma visão integrada da realidade; o entendimento do museu como agente de transformação social; a acção educativa do museu; e a visão da interdisciplinaridade no contexto da Museologia (MINOM, *sine anno*).

Com estas assunções, os desígnios do museu, que se encontraram durante décadas essencialmente ligados ao trabalho de conservação e à salvaguarda física e moral do edifício em que o museu habitava, deslocam-se para uma perspectiva global, oriunda de novos modelos de participação e democratização cultural, mas também de um processo de globalização em curso (Anico, 2008), com preocupações culturais, sociais e económicas, assumindo um novo papel no desenvolvimento da comunidade. Paralelamente, a acção do museu desloca-se do edifício para o território, da colecção para o património, da noção de visitante para a noção de uma possível comunidade participativa (Sousa, 2009). Fazendo face à *Old Museology*, proclamam-se várias tipologias de museus, como o museu integral ou o eco-museu, assistindo-se a uma nova preocupação centrada na valorização do indivíduo, na sua experiência, nas suas necessidades e no seu meio. O museu adopta novos papéis, “propiciando uma reconfiguração identitária em torno de novos conteúdos e territórios simbólicos” (Anico, 2008) no sentido da sua renovação e do questionamento dos antigos modelos.

## 2. O museu em Portugal

*Compete-nos portanto dizer sim à verdadeira revolução cultural que fará de cada museu um centro de irradiação e consciencialização dos valores que nos são próprios, para que cada criança e cada adulto em Portugal defenda a sua dignidade de ser humano, compreenda as raízes que o ligam às gerações passadas e sinta a sua projecção no futuro. Tanto ao iletrado como ao sábio, em qualquer região onde exista um museu, deve ser dada a oportunidade de ver, compreender e participar, pois todos (...) têm direito ao museu.*

(Mota, 1975)

O papel das instituições culturais, e nomeadamente dos museus, tem sofrido ao longo das últimas décadas, como já vimos, constantes variações e reinterpretações, fruto das mudanças sociais e políticas que foram tendo lugar. Para uma breve análise do contexto português, estas mudanças podem desenhar-se em duas fases distintas que se revelam na pré e na pós-entrada do país na C.E.E<sup>11</sup>, remetendo esse momento, na perspectiva de Augusto Santos Silva (1994) “para um cenário de modernidade inacabada, em que confluem vários tempos cruzados”. Este passo, cuja influência resultou também de uma nova visão sobre a temática cultural, fez surgir um conjunto de mecanismos cujo objectivo seria diluir as graves assimetrias sociais e culturais que eram então evidentemente perceptíveis no país: foram cerca de cinquenta anos de ditadura que tornaram Portugal, nas palavras de Helena Santos (2003), “cativo de uma política cultural oficial, censurada e profundamente restringida”, atrasando o país na sua institucionalização cultural.

Apesar do sector cultural ter sido sempre de extrema importância para o Estado Novo, que, atento, o controlava “moral e esteticamente”, bem na linha de outras ditaduras “que não se coibiram de utilizar a cultura como instrumento de propaganda e difusão ideológica” (Henriques, 2002), o cenário do regime salazarista era, sobretudo nas regiões periféricas do país, fechado social e culturalmente, sofrendo, como descreve Cláudia Carvalho (2006), “com o moralismo e o conservadorismo social”. Segundo esta autora, Portugal poderia resumir-se a um país cujas fronteiras não permitiam a entrada dos *ventos da pós-modernização*. Assim, esta sociedade reclusa de si mesma apresentava já grandes assimetrias, pois se, “por um lado, havia um controlo de costumes, por parte de uma elite de senhores, fiéis à ditadura política e social, por outro, para a grande maioria da população, a educação secundária e universitária era apenas uma ilusão.”

Não deixa assim de ser interessante destacar, segundo Lira (2000), o papel desempenhado pelos museus em Portugal na época do Estado Novo, papel que nos dá conta da utilização desta instituição para fins ideológico-políticos: “Após a queda da 1ª República (...) a Ditadura Militar que se lhe seguiu e que preparou o Estado Novo, alterou a breve trecho o que havia sido feito no que respeita aos Museus portugueses entre 1911 e 1926, afeiçoando à ideologia nacionalista que se estava construindo a imagem dos Museus”. Embora não seja objectivo principal desta dissertação questionar os limites “políticos” dos museus em Portugal no que se refere à sua representação enquanto espaços públicos (logo, politizados), de facto, e segundo o mesmo autor, “a ideologia e a influência política não deixaram de estar presentes” após o 25 de Abril de 1974. A nova vivência em Democracia trouxe consigo uma reavaliação de condutas a vários níveis, todos eles intimamente relacionados: sociais; políticos; económicos; e culturais. Lira (2000) esclarece-nos ainda que “os museus passaram a fazer parte de um programa nacional de democratização da cultura e receberam incumbência, de forma

---

<sup>11</sup> Comunidade Económica Europeia, actualmente União Europeia.

explícita ou não, de promover novos valores políticos e sociais: democracia, liberdade de expressão, igualdade de direitos, entre outros, passaram a fazer parte do discurso Museológico.”

Desta forma, observamos a evolução de um país que durante cinco décadas confundiu *cultura* com “instrumento de propaganda e difusão ideológica” (Henriques, 2002), para um onde, na década de 70, e principalmente no pós-25 de Abril, rapidamente grassam conceitos como democracia cultural ou democratização da cultura (Trilla, 1998), e onde lentamente começam a tomar forma as noções de descentralização, educação pela arte ou animação sociocultural – ainda que a sua *operacionalidade* só comece a ser concretizada nos anos 80 e 90. Ao nível do contexto Museológico destaca-se o grande interesse “por este equipamento cultural (...) a partir da década de 70, relacionando-se com a instauração do regime democrático e com a emergência do poder local democrático, acentuando-se nas décadas de 80 e 90” (Faro, 2006). De acordo com dados do Observatório das Actividades Culturais, “nestas duas décadas, foram criados 53% e abriram 58% dos 530 museus” então existentes (Neves, 2000).

É exactamente nos anos posteriores à *Revolução dos Cravos*, que a tendência para a democratização cultural ocorre, como nos revela o Programa do III Governo Constitucional descrevendo alguns dos seus princípios de acção: “A definição, a programação e a execução de uma política cultural para a sociedade portuguesa procurarão realizar objectivos de democratização cultural. (...) Incremento da participação cultural dos cidadãos, a todos os níveis, privilegiando as áreas geográficas e as camadas sociais mais desfavorecidas do ponto de vista do acesso aos meios e instrumentos da acção cultural. (...) Promoção (...) de manifestações culturais itinerantes, possibilitando o diálogo das populações com os artistas e criadores representados.” (Gomes e Lourenço, 2009). De facto, convém lembrar que o surgimento de uma instituição de cariz verdadeiramente autónomo para a vertente cultural – como o entretanto extinto Ministério da Cultura – só veio ter lugar nos anos 90, ou seja, passadas quase duas décadas sobre a revolução de 1974. Uma aposta que, na altura, se mostrou absolutamente inadiável, abandonando finalmente a dependência das antigas Secretarias de Estado em relação a outros Ministérios e que, para além da clara autonomia, simbolizava o papel “de centralidade” dado à cultura, terreno movediço nas políticas públicas até ao ano de 1995. Da constituição do Ministério da Cultura no XIII Governo, destaca-se o facto de que o “número significativo de organismos sob a tutela do novo ministério ter sido equiparado, em termos jurídicos, a pessoas colectivas de direito público, não só dotados de elevada autonomia funcional como capazes de garantirem as necessárias articulações transversais” (Gomes e Lourenço, 2009).

### 3. O museu desce à rua<sup>12</sup>

Regressando ao panorama Museológico português da pós-revolução, é importante destacar algumas acções a partir de novos organismos criados pelo Estado, tal como a Direcção-Geral do Património Cultural e a Comissão Organizadora do Instituto de Salvaguarda do Património Cultural, que progressivamente vão envolver, “para além dos poderes políticos, agentes associativos e grupos de cidadãos” (Anico, 2008). Neste seguimento, vale a pena referir que graças a esta e outras iniciativas semelhantes, foram criados na época vários museus locais, “a que vem somar-se o reforço do Poder Local e do papel das autarquias” (Faro, 2006) – papel aliás fundamental na reorganização democrática do país, criando condições para os Municípios “readquirirem a importância perdida” (Semedo e Lopes, 2006). Os objectivos destes museus prenderam-se sobretudo, com uma vontade de preservar a identidade local, devolvendo às populações o seu “próprio passado” e contribuindo para o “orgulho colectivo das regiões” (*idem*). Ainda sobre a natureza destes museus de cariz local, e aqui situamo-nos sobretudo na década de 80, importa referir a sua inspiração nos “postulados definidos pelos recém-formados movimentos de eco-museologia e da Nova Museologia” (Pimentel, 2005).

Autor do conceito de eco-museu, Hugues de Varine lança com este uma nova perspectiva de museu de natureza “interdisciplinar da ecologia e do ambiente natural e humano de um território definido e orientado para a comunidade” (*idem*). Interessa particularmente salientar nesta visão a tipologia de um museu que pretende abordar de um modo mais profundo o território onde está inserido e o seu contacto com a comunidade, integrando-se na sociedade conjuntamente com outras instituições e dirigindo-se para um fim comum: o desenvolvimento social, cultural e local.

Podemos concluir que no âmbito da actividade cultural, os factores de integração numa nova realidade social e política do contexto comunitário europeu vieram despertar o país para a necessidade de uma mudança de estratégia das instituições Museológicas no que se refere ao tratamento do seu legado patrimonial, aos seus objectivos e à sua relação com a sociedade. De facto, democratizar tornou-se verbo imperativo no discurso político das últimas décadas, reflectido, com grande intensidade na década de 90, nas escolhas das políticas públicas, destacando “quatro pólos fundamentais: o património; a formação educativa de públicos; a sustentação da oferta; e o uso económico-político da cultura” (Silva, 2000). Em Portugal, no ano de 2004, dá-se um importante passo na definição do conceito de museu com a Lei Quadro dos Museus Portugueses – Lei n.º 47/2004, de 19 de Agosto: “Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com

---

<sup>12</sup> A partir de título de José Augusto França.

objectivos científicos, educativos e lúdicos; b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade. Consideram-se Museus as instituições, com diferentes designações, que apresentem as características e cumpram as funções Museológicas previstas na presente lei para o Museu, ainda que o respectivo acervo integre espécies vivas, tanto botânicas como zoológicas, testemunhos resultantes da materialização de ideias, representações de realidades existentes ou virtuais, assim como bens de património cultural imóvel, ambiental e paisagístico.”.

Tornar acessível a todos aquilo que durante muito tempo foi apenas *gáudio* de uma minoria, implicou cortes drásticos com os padrões tradicionais, exigindo a prática de experiências arrojadas e a disponibilidade de começar do zero: “A emergência do museu público não foi um processo pacífico, opondo visões reformistas e elitistas em relação à missão destas instituições” (Gomes e Lourenço, 2009). Face a uma instaurada tradição que colocava o museu em “quase exclusiva concentração (de) funções de inventariação e conservação” (*idem*), assistimos, como já foi aludido, na segunda metade do século XX, a uma mudança de paradigma que se traduziu numa política de alargamento de públicos dos museus e no “questionamento do exercício da sua função social” (*ibidem*). Neste sentido, o interesse da história que a instituição museu em si transporta revela-se na sua evolução, nas suas tentativas de renovação face a um mundo que, da mesma forma, se modifica incessantemente, obrigando a um questionamento e a um reposicionamento permanentes.

## CAPÍTULO II: MUSEU E COMUNIDADE

*Finally, a Museum works for the endogenous development of social communities whose testimonies it conserves while lending a voice to their cultural aspirations. Resolutely turned towards its public, community Museums are attentive to social and cultural change and help us to present our identity and diversity in an ever-changing world.*

(UNESCO, 2007)

### 1. Museus e comunidade: uma experiência dialógica e de alteridade

No texto *Place Exploration: Museums, identity, community*, Peter Davis (1999) começa por notar que a importância dos Museus recai sobretudo no modo como estes nos auxiliam a relembrar aquilo que somos e o lugar que ocupamos no mundo, evidenciando assim, a relação entre o museu e o contexto social onde está inserido. Como já vimos anteriormente, o pensamento Museológico tem tentado acompanhar e integrar as transformações sociais e os fenómenos globalizantes, eles próprios intrinsecamente ligados à “descontextualização dos sistemas sociais” (Giddens, 2002) que, na senda de Giddens, aqui destacamos, na medida em que nos permitem reflectir sobre o local, sobre as relações de espaço-tempo e sobre a própria “desinserção das relações sociais dos contextos locais de interacção”, o que nos parece da maior pertinência para este trabalho.

Deste modo, cabe-nos compreender de que forma se operacionaliza o contacto entre o museu e a sociedade onde se insere, ou seja, com o território – aqui entendido como “processo de interacção entre o espaço físico e a transformação operada pelo homem” (Duarte, 2007) –, com a população, ou de uma forma mais englobante e ao mesmo tempo específica destes factores, com aquilo que podemos definir por *comunidade*. Quando se decidiu adoptar o conceito comunidade com um dos conceitos-chave deste trabalho, estava-se ainda longe de adivinhar o que a sua aplicação implicaria. Numa primeira fase foi essencial aprofundar e desconstruir teoricamente o conceito, aprofundando um sentido generalizado e generalizador – no fundo todos nós temos uma ideia do que é uma comunidade – para que numa segunda fase se pudesse interpretá-lo à luz de uma experiência efectiva, que consistiu na pesquisa de terreno.

O anteriormente referido movimento para uma Nova Museologia e a criação de novas tipologias de museu, trouxeram, como já vimos, mudanças significativas no campo da recepção Museológica. Contrariando uma acepção outrora “autoritária” e de carácter contemplativo, os novos movimentos reivindicam um museu para todos, um museu “sem paredes”, expressão utilizada por Malraux que aqui se aplica no sentido em que compreendemos que os museus, tal como outras

estruturas culturais “não se reduzem às infra-estruturas físicas” sendo que “não existem se não forem socialmente acessíveis e utilizáveis” (Silva, 2000)<sup>13</sup>. Incentiva-se assim uma abordagem multidisciplinar, relacional e dinâmica com as populações que circundam o museu, permitindo a configuração de uma comunidade participativa e também implicada nesta nova “reforma” que se pretendia fazer na instituição museu. Na senda do surgimento dos eco-museus, Hugues de Varine (1985) afirmava que “o objecto deixará de ser aquilo que se encontra no centro das preocupações do museu, onde passará a estar o sujeito social.”<sup>14</sup>

A primazia da missão social dos museus (Anico, 2006), no sentido do seu potencial integrante e dinamizador, constitui-se assim como uma das grandes transformações a operar no seio do museu, cuja programação expositiva ou do próprio espaço deixou de ser compreendida como matéria isolada, passando a ser “compreendida em função da sua contribuição para os objectivos gerais da comunidade” (Semedo e Lopes, 2006). Mais premente e permanente em certos museus do que noutros, a relação museu – comunidade acaba por ser interpretada de várias formas dependendo do tipo de museus que observamos. Porém, parece-nos aceitável considerar que, seja através de actividades desempenhadas pelos serviços educativos, seja através de políticas de gratuidade, de actividades de animação dentro dos museus, ou da já estreita relação desenvolvida entre museus e escolas, se observa cada vez mais a preocupação de fazer das instituições Museológicas estruturas sustentadas, no sentido em que valorizam e são valorizadas pelo meio onde estão inseridas, tendo em conta as suas especificidades sociais, culturais e ambientais, e em que contribuem para o seu desenvolvimento.

No pólo oposto situamos a onda de “guggenheimização” (Semedo e Lopes, 2006), tão ou mais característica na sociedade contemporânea, cuja apetência pelo “espectacular” e pelo turismo massificado da cultura poderá parecer muitas das vezes desviante de uma responsável acção que os museus públicos deveriam assumir não deixando de compreender, no entanto, a relevância económica que representam na sociedade, visto que as massas “são também uma realidade numericamente relevante” (Lopes, 1998). É justamente aqui que nos situamos: neste espaço em que também interrogamos quais os melhores critérios de comunicação e presença de um museu na comunidade, tendo em conta que esta é uma relação que, assumida ou não, será vigente e necessária.

No centro dessa relação surge ainda a questão de como tocar os dois pólos, ou seja, de como chegar às *massas* sem se desvincular de uma ideia de comunidade. Sem invocar respostas ou certezas, interessa acima de tudo reforçar que independentemente das tipologias e objectivos de cada museu, estes são instituições que se pretendem atentas aos problemas seus contemporâneos e não como um

---

<sup>13</sup> Numa mesma perspectiva, mas sobre a relação com o Património, Semedo (Semedo e Lopes, 2006) defende que este “tal como todos os testemunhos que justificam a sua existência, deve ser dado a conhecer, juntamente com a documentação a ele associada, de uma forma alargada que ultrapasse as paredes da instituição”.

<sup>14</sup> Tradução minha.

lugar distante. No caso de referência deste trabalho, e no que diz particular respeito aos museus cuja natureza das suas colecções se prende sobretudo com uma ideia etnográfica e/ou antropológica, parece-nos indiscutível a aproximação e constante reajustamento dos seus projectos museológicos à realidade que os circunda. Com isto não queremos invocar uma ideia de constante representação da comunidade, ou dos valores que se julgam seus referentes, mas sim, encontrar um equilíbrio dinâmico que reforce um acolhimento sustentado, proporcionando estímulos e aumento de expectativas.

## 2. Do que falamos quando falamos de comunidade?

*Sinónimos de comunidade: colectividade, grupo, agremiação, sociedade, povo, irmandade. Definição do Dicionário (do lat. communitate-, “id.”), nome feminino: 1) qualidade do que é comum; 2) participação em comum; 3) qualquer grupo social cujos membros vivem numa determinada área, sob um governo comum e partilhando uma herança cultural e histórica, sociedade; 4) lugar onde vivem estas pessoas; 5) totalidade dos cidadãos de um país; 6) o Estado; 7) Biologia, conjunto de organismos que habitam um meio ou ambiente comum e se inter-relacionam.<sup>15</sup>*

Para este trabalho, partiu-se do princípio que perceber uma comunidade significa perceber um processo dinâmico específico, mas também que este, cada vez mais, se afasta dos modelos tradicionais de sociabilidade. Isto pode induzir a que *pensar* uma comunidade seja aceitar que aquilo que a estrutura está para além do que se pode observar na sua condição geográfica, pois de outra forma – e ainda na direcção de Giddens – poderá ocultar relações distanciadas que determinam a sua natureza. As condições afirmadas por Carlos Fortuna (2001) de se “estar a viver ao mesmo tempo (e para além do) espaço e tempo identitários” e as de Augusto Santos Silva que invocam o processo complexo de construção das comunidades, fizeram com que se avaliasse até que ponto a percepção do conceito de comunidade não estaria a ser *romanticamente* influenciada pelos testemunhos herdados da Nova Museologia.

A opção pelo enfoque no conceito de comunidade, e não tanto nos conceitos de público ou audiência, embora também não os eliminando, justifica-se pela própria história da Nova Museologia e pela vontade de sublinhar a dupla valência dos museus evidenciada por Ana Duarte (2007), que os define simultaneamente como lugares de representação de memórias e identidades e como espaços de participação, criação e partilha. No entanto, é importante ressaltar que, de acordo com Davis (1999), uma comunidade “não estabelece um público-alvo, ainda que um museu possa identificar membros

---

<sup>15</sup> <http://www.infopedia.pt>, consultado a 23 d Junho de 2011.



dessa comunidade ou dessas comunidades como constituintes do seu público-alvo; nem é “o público”, o qual define um termo demasiado geral no qual podem estar presentes várias comunidades distintas”<sup>16</sup>. Ou seja, quando falamos da relação que os museus estabelecem com a comunidade, estamos obrigatoriamente a implicar também outras ramificações e outros conceitos.

Como é óbvio, o conceito de público ou de públicos fará todo o sentido quando aplicado aos grupos que receberam a visita do objecto de estudo, o Museu Móvel. Porém, o conceito de público é um conceito instável pois, segundo Esquenazi (2003), sustenta uma espécie de estatuto social (será que ser público de algo pressupõe uma vontade voluntária disso mesmo?), apresentando simultaneamente um risco quando se pretende retratar um público particular e se chega à conclusão da sua heterogeneidade (*idem*). No fundo, esta instabilidade vai dar a que os investigadores de uma linha, essencialmente francófona, adoptem a expressão “sociologia da recepção”. Parece-nos assim, que uma das grandes distinções entre os termos comunidade e público, definidos enquanto destinatários de um pensamento social do museu, se dá sobretudo ao nível do sentido de pertença que se encontra numa comunidade. A partir desse *sentido*, um museu determina a sua relação, como motor e espaço de debate e questionamento de uma identidade. Porém, este mesmo “sentido de pertença” que se pode constituir em “reservas da comunidade” não determina “consciências colectivas” nem uniformes (Silva, 2000).

### 3. O papel do museu

*Esta evolução é, evidentemente, tanto qualitativa como quantitativa. A instituição distante, aristocrática, olimpiana, obcecada em apropriar-se dos objectos para fins taxonómicos, tem cada vez mais – e alguns disso se inquietam – dado lugar a uma entidade aberta sobre o meio, consciente da sua relação orgânica com o seu próprio contexto social. A revolução Museológica do nosso tempo – que se manifesta pela aparição de museus comunitários, museus 'sans murs', eco-museus, museus itinerantes ou museus que exploram as possibilidades aparentemente infinitas da comunicação moderna – tem as suas raízes nesta nova tomada de consciência orgânica e filosófica.*

(Mayor, 1989)

Caberá aos museus observar aquilo que, a partir da natureza geográfica e humana de uma comunidade, se traduz como o seu património simbólico? E como pode um museu activar a memória colectiva e

---

<sup>16</sup> Tradução minha.

preservar a identidade de uma comunidade? Para uma aproximação a estas questões é necessário que, em primeiro lugar, se observe a relação do museu com a comunidade, e as actividades que desenvolve, as quais se constituem como fundamentais para a própria instituição se situar numa realidade que se altera e renasce a cada instante, pois nem a memória nem a identidade são fenómenos estanques e de fácil apropriação. Em segundo lugar, é preciso compreender a necessidade de captar o que perdura e de actuar para que nessa movimentação não se percam potenciais participantes, a quem o exercício de cidadania também passa pela apropriação da sua cultura e da sua identidade. Só assim o museu pode representar um importante papel num jogo em que, como nos esclarece Anico (2008), “os lugares da memória são espaços de recordação negociada de um grupo” e onde a utilização “do passado no presente” é um processo mediado. Ou seja, é assim que o museu se torna num *construtor social*, que articula discursos, representações, histórias e estórias, que por sua vez reforçam a ideia de comunidade, valorizando o seu espaço e tempo próprios. Tal como sugerem Gomes e Lourenço (2009): “É indo ao encontro (da) população, aprendendo a ler esse território, que o museu cumpre a sua missão. Levantando problemas, identificando esses problemas, transformando esses problemas em motor de acção e de desenvolvimento local.”

É importante referir que a preservação de uma memória e de uma identidade se constitui por um processo complexo e *pluri-dimensional*, no sentido em que se estabelece através de um trabalho cujas fases vão desde a observação, ao estudo etnográfico, ao contacto e conhecimento profundo da comunidade (isto é, as pessoas, os seus comportamentos, as *intra* e inter-relações, o território, etc.), até à partilha de informações e à inter-relação com a instituição. De acordo com Watson (2007), este processo de relacionamento entre o museu e a comunidade nem sempre é fácil, pelo que certos princípios base, que visam que as instituições possam enfrentar os desafios que essa relação muitas vezes invoca, não deverão ser esquecidos. De entre eles, destacamos a importância de compreender a composição, as necessidades, as prioridades, as tensões e as forças da comunidade, tal como a importância de estabelecer um trabalho em parceria que invoque a participação da comunidade em todas as etapas desse processo (*idem*).

Daqui podemos concluir que falar de comunidade implica a associação de um sistema de pertença e de partilha, não equivalendo portanto a falar de público ou de audiência. A mesma autora irá mais tarde chamar a atenção para outros dois aspectos. O primeiro diz respeito ao próprio tempo e consequências do processo: “Desenvolver boas relações leva anos, requer paciência e uma grande capacidade de escuta”<sup>17</sup>. O outro aspecto refere-se ao facto de que quando falamos de comunidade, estamos no fundo a falar de relações inter-pessoais e não somente de entidades sem identidades: “Os museus não trabalham com comunidades mas sim com indivíduos dessas comunidades. Esses indivíduos não estabelecem relações com o museu mas sim com outros indivíduos que fazem parte

---

<sup>17</sup> Tradução minha.

dessa instituição”<sup>18</sup>. Isto reforça a instabilidade do estudo e a *apropriação* de uma comunidade por parte de uma instituição, na medida em que “um grupo de pessoas” é também um largo reflexo de individualidades. É aqui que o museu se posiciona, cabendo-lhe um papel não só de desenvolvimento comunitário mas também, e sobretudo, de protecção face à hegemonia e homogeneização cultural e identitária, descendentes de um incontornável fenómeno de globalização, pois tal como Davis (1999) afirma: “Os Museus são locais onde a identidade cultural é exposta e debatida”<sup>19</sup>. Os museus desempenham assim o seu papel na sociedade enquanto elementos emancipadores de reflexão, diálogo e consciência sobre aquilo que os rodeia. Dessa forma, e porque são também geradores de um discurso social, promovem a “construção das representações e identidades das comunidades” (Barriga e Silva, 2007), numa ligação identitária que se manifesta através dum carácter democrático e inclusivo fundamental.

A capacidade de um museu se estabelecer enquanto representação da comunidade onde se insere define-se, não só, por uma compreensão íntima do que o circunda, mas também, por um poder representativo que, em última instância, só lhe é conferido pela própria comunidade representada. Há muito que a importância de criar relações “pró-activas” com a comunidade foi entendida como única forma de sustentabilidade e desenvolvimento dos projectos. Mas se é certo que os museus são lugares de memória colectiva, não é assim tão certo que essa *memória* possa ter o mesmo sentido e valor para todos. Como já vimos, o papel do museu está dependente das perspectivas, valores e compreensão da comunidade à qual pertence. Evidenciar os benefícios para a comunidade traduz-se assim num papel fundamental. Daí que a relação museu – comunidade não seja estanque: é um trabalho de reconhecimento contínuo e continuado. Ao definir uma comunidade como um “grupo de pessoas que estão unidas por modos de vida comuns e laços afectivos desenvolvidos por essa mesma convivência vicinal”, Duarte (2007) elucida-nos para a dificuldade de penetrar numa esfera social cujos códigos são, muitas das vezes, traçados a um nível extremamente íntimo e familiar. Porém, este conceito apresenta-se muito mais vago e as suas características muito mais complexas, pois todos nós parecemos integrar mais do que uma comunidade, alterando esta presença com o tempo e as circunstâncias.

São vários os autores que se propõem a classificar diferentes tipos de comunidade. Propomos por exemplo a interpretação de Mason (2005), que parte do princípio que as comunidades têm por base critérios como “a partilha de uma experiência histórica ou cultural, de um conhecimento especializado, de factores demográficos e socioeconómicos, de identidades (geracionais, de género, locais, nacionais, etc.) de exclusão ou de hábitos de vida”. Neste sentido, destacamos a influência do meio e da comunidade sobre o indivíduo, uma vez que, apesar do “sentido pessoal” que pode ser

---

<sup>18</sup> Tradução minha.

<sup>19</sup> Tradução minha.

conferido a cada experiência, a verdade é que este se enquadra numa outra “estratégia e repertórios de significação específicos” (*idem*). Daqui podemos também concluir que a interpelação da comunidade e a insistência por parte das instituições governamentais para que os museus se aproximem e trabalhem com as comunidades não define por si só o seu conceito, este deve ser contextualizado e verificado na sua complexidade.

Autores como Appadurai (1996) ou Zolberg (1992) chamam também a atenção para o facto da relação museu – comunidade depender acima de tudo de um diálogo constante, pois não é certo que esta ligação se traduza numa aproximação efectiva e lógica com a instituição. O questionamento da relação museu – comunidade ultrapassa assim uma mera abordagem dos “problemas relacionados com a carência de público nos museus” (Santos, 2000). Assumindo que o museu promove e potencia o desenvolvimento social, esta visão relacional exige-lhe um compromisso integrado na realidade: única forma, aliás, de poder transformá-la. Mas em que medida é que esta relação ganha importância? Tal como afirma Serge Jaumain (2000), a primazia do cidadão pode ser uma das respostas face a estas questões: “No limite, a razão de ser do Museu é o cidadão. É por ele que nós conservamos e valorizamos as colecções. É por ele que nós desenvolvemos e difundimos o conhecimento; é por ele que nós elaboramos a nossa programação e realizamos as exposições e as demais actividades culturais e educativas.”<sup>20</sup>

Apesar de poder apresentar diferentes objectivos, estando estes absolutamente relacionados com as próprias características sociais, económicas ou mesmo territoriais, ao negar-se como instituição desvinculada da sociedade e estabelecendo uma relação de proximidade com a sua comunidade, o museu pode actuar como vector de desenvolvimento em várias faces. Entre elas: na facilitação do acesso, quer seja promovendo uma maior mobilidade do museu, quer seja identificando e atenuando constrangimentos que impedem a utilização das estruturas culturais por parte da comunidade; incentivando mudanças positivas nos comportamentos sociais e comunitários; potenciando a relação com a comunidade escolar, contribuindo para uma parceria de reflexão e aprendizagem sobre a importância da preservação do património cultural; e possibilitando uma reflexão sobre a identidade local numa era globalizante.

---

<sup>20</sup> Tradução minha.

### **CAPÍTULO III: O MUSEU CARLOS MACHADO, UM MUSEU DE TERRITÓRIO**

*Um museu tem de revestir necessariamente um duplo comportamento sociocultural: ser a expressão do seu tempo (...), ser o portador de uma tradição que mostre a evolução histórica da região em que está implementado; (...) e evidenciar a nossa própria individualidade de região e comunidade, (impondo) que se mostrem (...) as conexões da história natural e da tradição cultural com as de outras regiões, próximas ou distantes no tempo e no espaço.*

(Sousa, 1977)

#### **1. Caracterização do território**

São Miguel é a maior ilha do Arquipélago dos Açores. Com uma superfície de 746,82 quilómetros quadrados, mede 64,7 quilómetros de comprimento e 8,15 quilómetros de largura, conta com uma população de 137 699 habitantes<sup>21</sup>, cerca de 56% da população do Arquipélago. É composta pelos concelhos de Lagoa, Nordeste, Ponta Delgada, Povoação, Ribeira Grande e Vila Franca do Campo. Trata-se de uma ilha com características eminentemente rurais, dedicada sobretudo à exploração agrícola, à pecuária e à pesca. A actividade turística destaca-se também como um dos factores de desenvolvimento da ilha, no que concerne, por exemplo, à empregabilidade. Mas São Miguel é uma ilha de contrastes: saindo de Ponta Delgada, capital administrativa do Governo Regional, são vários os cenários que se encontram pela ilha, onde a disparidade de oferta de serviços e equipamentos não deixa de ser notória. Talvez por isso, um dos critérios do Museu Móvel tenha sido não actuar em Ponta Delgada, cidade que acolhe o MCM, mas sim nas freguesias mais afastadas desse centro urbano.

#### **2. Os museus em São Miguel**

Tendo como principal fonte sobre a Museologia da ilha de São Miguel a investigação realizada pela Coordenadora da Colecção de Etnografia do Museu Carlos Machado, Sílvia Fonseca e Sousa (2009), pode-se compreender através desse estudo que a ilha alberga cerca de 50% dos espaços Museológicos do arquipélago. De acordo com a autora, São Miguel contava em 2008 com cerca de 55 espaços Museológicos, considerando para tal os museus públicos e privados, casas de cultura, pólos, núcleos e parques. Tal como aconteceu em Portugal continental, também nas ilhas a criação de museus locais, de iniciativa das Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia, revelou um acentuado acréscimo a partir de

---

<sup>21</sup> Census 2011.

1974 e, nomeadamente, na década de 80 (Fonseca, 2009). Destaca-se nessas instituições a forte presença de etnografia regional, de arte sacra e de história natural, assim como de referência a técnicas agro-industriais – tudo contribuindo para uma “multiplicidade de formas de relacionamento dos museus com o território e a comunidade onde se integram, e com o público que os visita” (*idem*).

A noção de museu como espaço de desenvolvimento local, de preservação e valorização do património assim como “a sua contribuição no âmbito da dinamização turística”, estiveram certamente na base deste crescimento. De facto, e tal como afirma Anico (2008), “o desaparecimento e a transformação de objectos, práticas e saberes dos quotidianos das populações, propiciaram uma crescente sensibilização para as questões patrimoniais, traduzida na valorização dos patrimónios rurais e industriais que adquirem uma segunda vida enquanto exposições do passado.”

### **3. Caracterização do Museu Carlos Machado**

Uma história centenária: de 1876 ao Manifesto de 2006

Ao submeter este trabalho à análise da relação museu – comunidade, pretendeu-se, por um lado, reforçar a problemática desta ligação e, por outro, evidenciar a sua importância no contexto *social* actual, caracterizado por dimensões várias, como sejam, locais e/ou globais, temporais e/ou espaciais. Partindo do pressuposto que os museus representam um contributo inalienável na construção e preservação da identidade de um território (seja ele de âmbito nacional, regional ou local), optou-se por desenvolver este trabalho a partir de uma instituição que permitisse conjugar e reflectir estes pressupostos. Neste sentido, o Museu Carlos Machado (MCM) tornou-se rapidamente o *destino* de observação e pesquisa preferencial para este trabalho.

O MCM foi fundado em 1876 com o nome de “Museu Açoreano” por Carlos Maria Gomes Machado, professor, naturalista e um entusiasta de “alargar a difusão do conhecimento à população local” (Melo e Stichelmans, 2009). A ele pertenceu a primeira colecção que inaugurou o Museu, à data, de história natural. Esta colecção foi iniciada no antigo Liceu de Ponta Delgada, onde Carlos Machado dava aulas de ciências, não deixando de representar a mentalidade científica que emergiu no século XIX e a importância dos Açores neste período<sup>22</sup> e mais tarde, imbuído do espírito de desenvolvimento dos museus regionais que observamos no tempo da Primeira República, cujo princípio se baseava num “discurso regionalista e descentralizado” (Pimentel, 2005).

---

<sup>22</sup> Para a qual contribuiu a visita de Darwin em 1836 aos Açores e a referência às ilhas na sua obra *A origem das espécies*, em 1859, assim como as campanhas oceanográficas do Príncipe Alberto do Mónaco, figura de relevo no desenvolvimento da investigação científica nos Açores.

Em 1914, em homenagem ao seu fundador após a morte, o Museu passa a chamar-se Museu Carlos Machado<sup>23</sup> e, em meados dos anos 30<sup>24</sup>, passa a instalar-se no convento de Santo André, que se encontrava desocupado após a extinção das ordens religiosas, decretada pelos liberais. Desta forma, após ter albergado durante cerca de três séculos freiras clarissas, religiosas de clausura, o convento passou a encerrar uma cada vez mais vasta colecção de objectos. Ao longo de várias décadas, o MCM viu o seu acervo ser alargado com diferentes colecções, não só de história natural (zoologia, botânica, mineralogia, geologia), mas também de arte sacra, de artes decorativas, de trajes, de brinquedos e, mais recentemente, de arte contemporânea, com incidência na produção de artistas de origem açoriana ou temáticas relacionadas com aquilo que se define como a identidade dos Açores. Porém, foi a colecção de etnografia regional, assim como de alguma forma a colecção de arte, que terá marcado um virar de rumo na história do Museu, até aí especialmente dedicado ao universo científico<sup>25</sup>. Caracterizando estas colecções, identificam-se “as virtudes ideológicas do patriotismo e do regionalismo português” coincidentes com a “exaltação dos valores identitários, marcando o regresso ao romantismo e a um redobrar do interesse pelas tradições” (Melo e Stichelmans, 2009).

Como já visto num contexto nacional, a época do Estado Novo não deixou obviamente de marcar também o MCM, influenciando-o “por um realçar impressionista” dos costumes da ruralidade, do património local e do povo – “o povo das nossas aldeias, o povo das nossas planícies e montanhas” (Pimentel, 2005). Porém, embora o *povo* se reconhecesse nas obras do Museu, este reflectia o fechamento das instituições culturais do país. Com a Revolução de Abril, o MCM não ficou de lado dos novos modelos museológicos oriundos da Nova Museologia, mais especificamente os denominados eco-museus, “que Portugal tentava copiar” numa tentativa de se aproximar dos paradigmas europeus. A preocupação com a formação de novos públicos para o Museu (“mais do que instruir, o museu deve formar público”) traça uma nova ambição na direcção que em 1975 tomou posse, dirigida por Nestor de Sousa, o qual afirmará que o Museu seria à data e “à luz da moderna museologia, um grande armazém de objectos de natureza vária.” (Sousa, 1977).

Em 1976 os Açores adquirem o estatuto de Região Autónoma e o MCM passa a ser gerido pelo Governo Regional dos Açores, sob a tutela da Secretaria Regional de Educação e Cultura. Nos anos seguintes, profícuos na abertura de vários museus locais, o MCM vai destacar-se como referência na museologia insular, “dando apoio técnico e científico, umas vezes para a concretização global de um projecto museológico, outras para colaborar em determinada área da museologia, designadamente no domínio da investigação, documentação museológica, conservação, restauro e realização de exposições” (Fonseca, 2009). Em 2006, “na sequência da reestruturação decorrente da tomada de

---

<sup>23</sup> Carlos Machado faleceu em 1901, sendo que o Museu adquire o seu nome em 1914.

<sup>24</sup> Mais concretamente no ano de 1934, quando as colecções são transferidas para o Convento de Santo André.

<sup>25</sup> O responsável por esta ruptura foi Luís Bernardo Leite de Ataíde.

posse do IX Governo Regional dos Açores, (em que este) assumiu a tutela dos Museus da rede regional” (Fonseca, 2009), define-se uma nova etapa no percurso do MCM com a entrada em funções de uma nova Direcção<sup>26</sup>, a qual assume como uma das suas prioridades a recuperação das instalações do Museu. Tal plano de acção estabelece-se, não só, pela necessidade de combater uma infestação de térmitas que assolava o convento, mas também, pelo desejo de este se tornar um museu mais apelativo para quem o visita e com melhores condições de preservação e segurança das obras. Assim, também a realização de um Manifesto, que iria redefinir “o que é o Museu”, se constituiu como um importante ponto de partida para a reorganização da própria instituição: “Manifesto do Museu Carlos Machado: 1) O Museu é lugar de todos; 2) O Museu expressa identidade e fomenta diversidade; 3) O Museu preserva o património; 4) O Museu promove a aprendizagem e o conhecimento; 5) O Museu combate a exclusão de pessoas e culturas; 6) O Museu assume o passado e a contemporaneidade; 7) O Museu congrega gerações; 8) O Museu é local de abertura a diálogos e confronto de ideias; 9) O Museu refresca mentalidades e proporciona criatividade; 10) O Museu é espaço de envolvimento e cidadania; 11) O Museu é um serviço do público.” (MCM, 2006).

A respeito deste período de grandes transformações, considerou-se importante introduzir algumas referências na primeira pessoa, retiradas das entrevistas realizadas no contexto da investigação para o presente trabalho (e à qual será dedicada a segunda parte desta dissertação). Como exemplo segue-se o testemunho da Coordenadora do SE/MM, a qual nos revela um pouco da cronologia dos acontecimentos: “Em 2006 há uma nova Direcção e houve uma ruptura que trouxe uma série de inovações. Houve a questão do encerramento temporário do núcleo principal, que era aquele núcleo com o qual as pessoas identificavam o Museu. O Museu continua a ser aquele edifício, embora tenha mais estes dois núcleos, (mas) para as pessoas de São Miguel aquele é o Museu porque durante anos foi o Museu, sempre com a mesma colecção permanente, tinha algumas temporárias mas poucas, não com a mesma dinâmica com que eram feitas quando entrou esta nova Direcção. (...) Com esta Direcção surgiu logo um Manifesto, (definindo) os objectivos do Museu e para que serve. E uma das premissas é que este é um Museu de território, de inclusão, para todos.”<sup>27</sup>

Actualmente, o MCM dispõe de três núcleos localizados na cidade de Ponta Delgada: o núcleo-sede do Museu no Convento de Santo André (actualmente encerrado para obras); o núcleo de Arte Sacra na antiga Igreja do Colégio dos Jesuítas; e o núcleo de Santa Bárbara. É um dos nove museus açorianos pertencentes à Rede Portuguesa de Museus<sup>28</sup>. O encerramento do convento por data indeterminada levou à necessidade de criar novas formas de comunicação com o público do MCM e com a comunidade. O Serviço Educativo foi modificado em 2006, tendo sido estabelecidas várias

<sup>26</sup> Antigos Directores do MCM: Nestor de Sousa (1975-1985); e António Oliveira (1985-2005). Actual Director: Dr. Duarte Melo.

<sup>27</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 16/2/2011.

<sup>28</sup> [http://www.ipMuseus.pt/pt-PT/rpm/Museus\\_rpm/rpm\\_acores/ContentList.aspx](http://www.ipMuseus.pt/pt-PT/rpm/Museus_rpm/rpm_acores/ContentList.aspx), consultado a 23 de Junho de 2011.



parcerias, de forma a criar um serviço dinâmico, com maior capacidade de resposta à missão educativa do Museu. É nesse âmbito que nasce o Museu Móvel, projecto inaugurado em Setembro de 2008 que, de certa forma, vem apresentar e representar uma nova forma de ver e viver o Museu: “Os museus são vistos muitas vezes como lugares da morte, daquilo que está remetido às catacumbas que são as reservas. (...) Portanto há que abrir estas sepulturas, porque há espírito que precisa de circular. E o MM é este sopro de vida, é este respirar fundo, porque as pessoas depois identificam-se, não quer dizer com o projecto mas com o que está a acontecer e com aquilo que acontece e é gerador de alegria. E há que aproveitar este contexto porque nós, com o MM, temos feito inclusivamente parcerias com casas do povo, com juntas da freguesia, temos feito exposições na ruralidade.”<sup>29</sup>

Fundamental para uma melhor caracterização do MCM, a visita ao convento de Santo André, edifício principal do MCM, constituiu-se como um marco de grande importância no decorrer desta investigação. Por motivos vários a visita só foi possível após se ter acompanhado diferentes visitas do MM, o que acabou por permitir a criação de um imaginário pessoal do próprio Museu. Das visitas do MM aos grupos mais idosos, as notas de campo traziam sempre o testemunho de uma geração que, de diferentes maneiras, expressava o seu sentido de pertença relativamente ao “Museu da cidade” (MCM), reconhecendo essencialmente a sua importância na representação dos hábitos e costumes de um povo do qual faziam parte. Quanto às gerações mais novas, os testemunhos não eram menos entusiasmantes. Muitos ainda tinham conseguido visitar o Museu antes do seu encerramento ao público e haviam retido na memória tanto o “esqueleto do cachalote”, como “o bezerro de duas cabeças”, como a encenação Museográfica da típica casa do povo açoriano.

A seguinte nota de campo ilustra a primeira e única visita realizada ao convento de Santo André, após recolha de vários testemunhos e memórias: “A visita guiada ao antigo convento de Santo André – sede do MCM – pelo director do MCM, Dr. Duarte Melo, constituiu-se como uma espécie de reminiscência. Após um mês de estadia em São Miguel e de conviver todos os dias com aquele enigmático museu encerrado, fosse porque por ele passava todos os dias, fosse pela literatura à qual me dedicava para a minha investigação ou ainda pelas pequenas obras e autores nele patentes que me iam suscitando cada vez mais curiosidade neste contexto ilhéu. Sendo a expectativa tão grande como o entusiasmo, tentou-se que esta visita focasse dois objectivos: primeiro, perceber as colecções às quais os objectos que estão no MM pertencem; e segundo, perceber do ponto de vista Museológico e Museográfico a representação do Museu na e para a comunidade.

O edifício reflecte desde logo as inúmeras intervenções a que, ao longo das várias épocas, foi sendo sujeito. A presença de uma estética patrocinada pelo Estado Novo não deixa porém de se reflectir com maior intensidade logo à entrada. Embora seja efectivamente um lugar só por si muito envolvente, apresenta claramente sinais de desgaste e insegurança, e a necessidade de uma urgente

<sup>29</sup> Excerto de entrevista ao Director do MCM realizada no dia 7/3/2011.

intervenção ressalta até do prostrado encantamento que ainda assim o espaço convoca. Da Exposição do Mundo Português (1940) transitaram as imponentes estatutárias do escultor açoriano Canto da Maya. Os objectos e as obras confundem-se em salas que transbordam das inúmeras histórias que cada peça carrega: das carroças do povo à *charret* de casamento de uma família mais abastada, dos detalhes da vida doméstica que percorreram gerações, dos grandes aos pequenos objectos hoje testemunhos de vivências de uma comunidade e da exaltação dos usos e dos costumes *tradicionais*.

As salas de exposição, divididas em temáticas, convocam-nos para uma interpretação figurativa do passado, trazendo de facto à ideia os antigos gabinetes de curiosidades do século XIX. Porém, sente-se que as vastas colecções e os milhares de objectos que ali habitam envolvem uma narrativa ela própria “ilha”, numa visão contemporânea que abraça o minimalismo e os espaços muitas vezes assépticos. Aqui os olhos não descansam. Mas este Museu é também, ele próprio, um contra-senso do ponto de vista da interpretação da identidade desta região. Sentimo-lo inevitavelmente datado, parado num tempo, numa visão da sociedade e realidade micaelense, uma reminiscência daquilo que terá sido um grande ímpeto de Carlos Machado na construção deste espaço: o colecionismo, outrora com o objectivo de descoberta e investigação, mas também a visão da exposição do Estado Novo que convoca uma encenação-reprodução através dos objectos para uma compreensão da vida, costumes e tradições do povo, elevando assim os mais pueris objectos do quotidiano à condição de património, para que talvez dessa forma se perpetue uma relação de comunicação com os seus visitantes.”<sup>30</sup>

#### **4. Museu Móvel: um projecto do Museu Carlos Machado para o território**

Inspirado nos projectos educativos móveis desenvolvidos nos museus de Merseyside<sup>31</sup> (Liverpool), o Museu Móvel do MCM consiste numa carrinha reformulada e adaptada para transportar, mostrar e divulgar peças e património do Museu Carlos Machado por toda a ilha de S. Miguel. Tentando colmatar o inevitável afastamento do público devido ao encerramento para obras do convento de Santo André, este projecto *itinerante* tem como objectivo “construir um museu inclusivo, que chegue à comunidade e a grupos que por razões de isolamento, exclusão ou outras situações, estão impedidos de usufruir do Museu” (Albergaria, 2007). Encarando o encerramento temporário do pólo central como desafio para a sua renovação, o MCM projectou o MM como forma de criar igualmente relações e

<sup>30</sup> Nota de campo referente ao dia 15/3/2011.

<sup>31</sup> Tal como sublinha Sílvia Fonseca (2009): “A ideia desse projecto (MM) nasceu em 2006, por influência da Doutora Alice Semedo (...) que estagiou nos Museus de Merseyside, no âmbito do mestrado que realizou em Leicester e aí teve a possibilidade de contactar com uma série de projectos relativos ao serviço educativo que recorriam às soluções de atrelados e carrinhas móveis.”

parcerias com outras instituições “que proporcionem o intercâmbio e a dinamização entre as várias comunidades” (*idem*) e de realizar uma recolha de património material e imaterial da ilha.<sup>32</sup>

Um dos mais importantes parceiros institucionais deste projecto é a já referida Cresaçor – Cooperativa de Economia Solidária, cuja experiência na vertente social no território e cujo conhecimento específico das várias comunidades constituintes, permitiram que o MM alcançasse com maior facilidade, autonomia e êxito o encontro com os seus públicos-alvo. Esta parceria desenvolve-se em vários aspectos: através da partilha de todo este *know-how* adquirido e acumulado; através da manutenção da carrinha; e através de recursos humanos, sendo que, no primeiro ano de existência do MM, são mesmo as Criações Periféricas (valência cultural da Cresaçor) que “agendam e preparam as itinerâncias no terreno, constituindo uma rede de contactos com entidades de desenvolvimento local” (Albergaria, 2009). Esta relação apresenta-se também clarificada pela própria Directora da Cooperativa: “A dada altura, através das Criações Periféricas, que é o gabinete que tem a seu cargo a dinamização da inclusão pela cultura e que trabalha nesta dimensão da cultura, surge a possibilidade de fazer esta parceria com o MCM e de com eles levarmos o MM a toda a ilha. As Criações Periféricas são o nosso gabinete criativo que tem como objectivos, entre a sua esfera de actividade, trabalhar toda a parte criativa e a imagem da Cresaçor, por um lado, e, por outro, procuram trabalhar a inclusão de públicos em risco através da cultura e desenvolvem um conjunto de iniciativas nesse sentido – sendo esta parceria com o MCM mais uma dessas iniciativas. Este é um projecto comum, partilhado, onde as Criações Periféricas faziam um primeiro contacto com as comunidades para ver qual era o interesse e a que públicos daquela comunidade fazia sentido levar o MM, criar sinergias com eles, trabalhar com eles em *atelier*, que temas seriam oportunos trabalhar. Preparavam o terreno para depois o MM ir levar toda aquela dinâmica que tem.”<sup>33</sup>

A carrinha do MM possui, no seu interior, vitrinas expositivas, dois ecrãs de computador, um ecrã plasma e armários para guardar material. A zona traseira encontra-se equipada com um ecrã plasma, permitindo assim a montagem de um auditório alternativo ao ar livre. No exterior, a carrinha é decorada com réplicas hiper-dimensionadas de algumas das peças mais representativas da colecção do MCM, como por exemplo: a viola da terra ou “viola dos dois corações”; o quadro *Os Emigrantes* (1926), de Domingos Rebelo; o quadro *Gerâneos e Malva Rosa* (1912), de Carlos Reis; a escultura *Adão e Eva*, de Canto da Maya; e ainda a escultura indo-portuguesa *Bom-Pastor* (séc. XVII-XVIII).<sup>34</sup>

Apesar de já terem sido mencionados os pressupostos para a existência do MM, é interessante ressaltar que este é um projecto cujas sementes começaram a ser lançadas ainda antes da existência da carrinha, tal como nos esclarece a Coordenadora do SE/MM: “Começámos a fazer itinerâncias mesmo

---

<sup>32</sup> Cf. Anexo D.

<sup>33</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 23/3/2011.

<sup>34</sup> Cf. Anexo C.

sem carrinha, a ir às escolas, a ir à prisão, levando as exposições em formato digital, a falar sobre assuntos relacionados com o Museu. A carrinha foi a materialização.”<sup>35</sup>. Assim, esta necessidade de criar um museu itinerante e desenvolver as actividades não apenas na cidade de Ponta Delgada alicerçou-se também nas várias experiências específicas que os diferentes profissionais envolvidos no MM possuíam: “Trabalhei como monitora de um *atelier* na ala feminina na prisão numa colaboração com as Criações Periféricas e depois sentimos essa necessidade, começámo-nos a aperceber que em determinados bairros sociais, dentro e fora de Ponta Delgada, por exemplo o Bairro do Peixe Assado, muito problemático, os miúdos eram ostracizados e não havia nada no próprio bairro de oferta alternativa para eles passarem o tempo de uma forma mais educativa. Eles andavam ali, aquilo era um caos. Fizemos uns *ateliers* nesses sítios e percebemos que havia necessidade de ir ao encontro das populações a esse nível.”<sup>36</sup>

A criação do MM estabelece-se assim como resposta a uma multiplicidade de questões: colmata o encerramento da sede principal do MCM; sublinha a disponibilidade da instituição em se confrontar com a realidade social da ilha; e revela a função social que os museus podem representar na reconversão de estímulos e oportunidades de produzir conhecimento. No sentido de compreender os seus princípios conceptuais, destacamos o testemunho da Coordenadora das Criações Periféricas, uma das impulsionadoras na primeira fase do projecto, que afirma no seu discurso o ímpeto de “ir ter com as pessoas e não ficar à espera que elas venham ter connosco”<sup>37</sup> e as palavras do Director do MCM, que alerta para a necessidade de “compreender o contexto insular em que nós vivemos e a função que os museus têm neste momento, neste caso o MCM e que é uma função muito social e muito pela inclusão, tentando quebrar o ciclo da miséria do pensamento. Porque as maiores pobreza são a impossibilidade de confrontar e reflectir e o museu é um lugar de confluências de diálogos.”<sup>38</sup>

O MM trabalha e revela-se em duas vertentes: por um lado, dá a conhecer o MCM e o seu espólio, intervindo em todas as zonas da ilha que, pese embora a sua dimensão, apresentam grandes constrangimentos à mobilidade da sua população, essencialmente rural; e, por outro, funciona como forma do MCM se enriquecer com os vários *saberes* que cada comunidade visitada pode revelar. Esta procura e esta partilha assumida por parte do Museu acabam por estabelecer uma relação bilateral entre a instituição e a comunidade, transportada inevitavelmente na programação e no conteúdo das colecções que incorporam a carrinha. Sobre esta temática, realçamos a perspectiva da Directora da Cresaçor, Dr. Célia Pereira: “O MM tem este valor acrescentado em termos de inovação da metodologia que depois aplica e replica no terreno, que é: já que estes públicos não vêm ao Museu, nós vamos levar o Museu até eles. Podemos pegar naquilo que o MCM tem de mais identitário e de

<sup>35</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 16/3/2011.

<sup>36</sup> *idem*

<sup>37</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 12/4/2011.

<sup>38</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 7/3/2011.

referência mais forte para estas comunidades, para estes grupos sociais, e levar. E podemos levar não apenas em objectos, mas levando imagens, trabalhando em *atelier* aquilo que em termos conceptuais representa o Museu, para as pessoas perceberem que o Museu não é apenas para os letrados, que não é apenas para aquele nicho de mercado com o qual elas não se identificam. (...) No fundo, é fazer perceber que o Museu não é uma chatice e fazê-los perceber que o Museu também é feito com a história deles, e que é interessante ir ao Museu e que eles também têm uma palavra a dizer sobre aquilo que está representado no Museu e que provavelmente eles ou os seus antepassados estão representados no Museu. Esta dinâmica faz com que depois tenhamos resultados muito positivos. (...) Os museus são cada vez mais dinâmicos, interactivos, pretendem espicaçar o debate, a observação, a interacção com o público. (...) Se nós queremos promover a inclusão através da cultura, o MM é uma belíssima forma disso mesmo. (...) Se nós passámos e ficou a curiosidade, temos de dar continuidade a esse trabalho. Claro que da segunda vez não vamos voltar com os mesmos objectos e *ateliers*, vamos pegar naquilo que podem ter sido os efeitos e resultado da nossa primeira passagem e continuar a partir daí, porque há muito mais a explorar e a fazer. Quando o MM vai a estas comunidades, a estes territórios, também pode fazer recolha etnográfica, registos orais, fazer um conjunto de actividades com a comunidade, envolvendo-a, o que permite não apenas levar conhecimento mas receber conhecimento.”<sup>39</sup>

Esta relação que se efectua entre aquilo que se “dá” e aquilo que se “recebe” pode constatar-se, por exemplo, nos vários documentários realizados e produzidos pelo MCM, os quais partem justamente de estórias partilhadas pelos visitantes do MM, principalmente pelos mais idosos. Um dos objectivos deste projecto é de facto a recuperação de uma memória colectiva que, por meio de uma acção pedagógica, interdisciplinar e de diálogo, possa despertar uma posição cívica em relação ao que rodeia e caracteriza uma comunidade. Tal como refere a Coordenadora do Museu Móvel: “Acreditamos que, no contexto actual de homogeneização cultural potenciado pela globalização e pela sociedade da informação, se torna urgente registar e valorizar o património local através de acções culturais específicas e, ao mesmo tempo, aproximar a população da cultura contemporânea, contribuindo assim para a educação e para a construção de uma democracia participativa, condição essencial ao desenvolvimento social e económico de qualquer região.” (Albergaria, 2007).

Este último testemunho vem assim também chamar a atenção para o factor educativo do museu. A educação foi algo que sempre esteve intrinsecamente ligado à missão dos museus, embora ambos os conceitos tenham, ao longo dos tempos, adquirido novas formas e significados sociais. A reflexão sobre o serviço educativo nos museus acabou por se demonstrar imperativa para este trabalho, ficando a dever-se em grande parte ao profundo contacto que durante a investigação se deu com esta valência do MCM. Foi neste seguimento, e porque tal como defende Barriga (2007), “os serviços e

<sup>39</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 23/3/2011.

projectos educativos têm vindo a assumir, cada vez mais, o papel de interfaces de comunicação com as audiências e de lugares privilegiados para a construção de saberes e o estabelecimento de relações duradouras e exigentes”, que se tentou compreender a posição do Serviço Educativo do MCM junto dos seus protagonistas. Destacamos assim o testemunho de uma das Responsáveis Técnicas do SE/MM: “Nas colecções que nós levamos (no MM) como nas exposições (do MCM) o SE está sempre a trabalhar, tanto em visitas como em *ateliers*. (...) Para o exterior, a única maneira que o Museu tem de se mostrar é com o SE.”<sup>40</sup>

Será o projecto MM um *serviço* educativo? Tendo em conta que os serviços educativos são meios através dos quais os museus “participam no desenvolvimento de fórmulas efectivas e inclusivas de relacionamento com os públicos” (Barriga e Silva, 2007), podemos claramente considerar que sim. Parece-nos, aliás, que este projecto é um exemplo bem conseguido da mudança de paradigma das instituições museológicas, indo ao encontro dos pressupostos lançados por Clara Frayão Camacho (2007), no que diz respeito à abertura à sociedade e ao alargamento dos conteúdos patrimoniais, na extensão geográfica e territorial. Alusivo também a este factor, em 2009, o SE do MCM foi distinguido com o prémio de “Melhor Extensão Cultural”<sup>41</sup> pela Associação Portuguesa de Museologia, colocando o projecto MM no mapa das iniciativas de prestígio que se realizaram nesse ano em Portugal. De modo a melhor compreender os pressupostos deste reconhecimento, foi realizada uma entrevista com o Presidente da APOM, Dr. João Neto, que se mostrou esclarecedora quanto a algumas questões. Uma dessas questões correspondia ao próprio significado de “extensão cultural”, o qual foi revelado como “aquela actividade que os museus desenvolvem que tem exactamente ligação à sociedade, como por exemplo as visitas guiadas, os *ateliers* (...)”, actividade essa que está “essencialmente ligada com os serviços educativos que os museus têm.” Segundo João Neto, os critérios que pautam este prémio são: “a originalidade (...), os objectivos a que se propõem e o que conseguem atingir, assim como o esforço conjunto do museu”. Porém, em 2008, outro critério emergiu, prendendo-se com a necessidade “de saltar os muros do próprio museu”, enaltecendo a iniciativa de “todos os museus que tinham feito um esforço adicional para que as suas actividades não se limitassem às suas quatro paredes.”

Tendo em conta a atribuição específica deste prémio ao SE do MCM, João Neto acrescenta ainda que: “no caso do MCM, estando o Museu fechado, o espírito do Museu não se fechou. Houve um esforço para que a chama e a alma do Museu não ficasse trancada, que continuasse a existir, que continuasse a chegar às pessoas e não tanto as pessoas a irem ao Museu. Os prémios APOM servem essencialmente para salientar que *vocês têm aqui uma boa experiência* (...) e também para chamar a atenção de que os museus não podem ficar fechados dentro das suas quatro paredes. Os museus têm de

---

<sup>40</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 7/3/2011.

<sup>41</sup> Em *ex-aequo* com o Serviço Educativo do Museu da Farmácia.

sair. Não é expor as peças, mas a sua imagem, o seu conhecimento. Os museus têm de entrar na sociedade”<sup>42</sup>. É precisamente nesta extrema capacidade de permeabilidade social e neste contacto com o exterior que a experiência do MM se mostra pertinente. A conjugação do património cultural, social e emocional com que uns e outros contracenam – visitantes e visitados – resulta assim, tal como afirmam Falk e Dierking (1992), num “espaço de intersecção que constrói e define a experiência que perdurará na memória dos indivíduos, potenciando a construção de aprendizagens efectivas.”

---

<sup>42</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 20/7/2011.

## PARTE II

### CAPITULO IV: MUSEU MÓVEL, UMA PESQUISA ITINERANTE

#### *ÉDEN AMBULANTE*

*Vi há dias por acaso,  
Com grande surpresa minha,  
O casal Adão e Eva,  
A passear de carrinha!*

*Lá iam ambos, felizes,  
Despidos de qualquer roupa,  
entre a tela “Os emigrantes”  
E uma anafada garoupa*

*Para completar o quadro,  
Que tanta beleza encerra,  
Dava um toque de alegria  
Uma viola da terra.*

*Era um Éden ambulante,  
Sem o dedo de Satã:  
Sem escamas de serpente  
Nem pevides de maçã!*

*Irão deixar o Jardim  
e partir de S. Miguel,  
pra ir buscar o Caim  
e encomendar o Abel?*

*A notícia do jornal  
Não me causa admiração.  
Quem manda em tudo, afinal,  
Não é o deus Patacão?*

(Almeida, 2009)

#### **1. Museu Móvel: trajecto de uma investigação**

A segunda parte da presente dissertação tem como principal objectivo dar a conhecer aquilo em que consistiu o acompanhamento do Museu Móvel, em particular da observação de campo, recolha de testemunho e ideias. Este trabalho foi resultado de um trajecto cujo início remonta a meados de Dezembro de 2010, quando, após contactos telefónicos e por mail, se realiza uma primeira reunião de trabalho com a deslocação da investigadora a São Miguel de modo a apresentar ao Director do MCM e à Coordenadora do SE/MM a intenção de acompanhar o projecto para fins de investigação. Aí foram



abordados os objectivos da investigação, que tinha como ponto de partida a relação do museu com a comunidade através do trabalho promovido pelo MM, sendo expressa a intenção de acompanhar a carrinha em todas as suas actividades, assim como de realizar uma série de entrevistas às pessoas que estivessem ligadas ao projecto. Foi acordado um plano de trabalho que se estenderia de meados de Fevereiro a Maio do ano seguinte<sup>43</sup>, de forma a acompanhar o máximo de públicos diferentes a quem o MM se destinava. Essa reunião introdutória permitiu consolidar os objectivos da investigação, uma vez que se assumiu o “contacto directo com diferentes comunidades da ilha de São Miguel”, proporcionando uma reflexão sobre os aspectos das práticas culturais estreitamente associados à problemática inicial desta dissertação: o encontro com as populações; a relação com as comunidades e públicos que se encontram afastados da oferta cultural; a manutenção de uma ideia de memória colectiva; o contributo na construção e preservação da identidade local e regional; e a acção educativa nos e dos museus.

Partindo da ideia que o património se revela como alicerce e expressão da identidade de um povo, o MCM tem como missão a promoção e a divulgação da cultura e identidade açorianas por meio de um conjunto de actividades pedagógicas: o MM é uma delas. O *público-alvo* diz-se diverso, talvez reflexo de um espólio também ele alargado e testemunho de múltiplas realidades e vivências. No que concerne ao trabalho com e para a comunidade, o MM, projecto inovador a nível nacional no que respeita a novas formas e técnicas museográficas, distingue-se essencialmente pela possibilidade de itinerância que leva à descentralização da sua acção e pela capacidade de traçar um verdadeiro diagnóstico das vivências da população da ilha. Tal como verifica a Coordenadora do SE/MM: “Apercebemo-nos do isolamento a que muitas populações estão sujeitas, nomeadamente as crianças em idade escolar, e da falta de política de transportes, nomeadamente das autarquias relativamente às populações” (Albergaria, 2009).

Desde o início, ficou definido com a equipa que, de modo a possibilitar um conhecimento dos públicos abrangidos pelo projecto, seria feito um esforço de marcar visitas em diferentes contextos. Durante o período de investigação assistiu-se a dez actividades, tendo havido repetições de freguesias e instituições. Esta situação deveu-se, sobretudo, a uma tentativa de corresponder à disponibilidade apresentada pelas instituições, uma vez que principalmente as escolas detêm calendários fixos e por vezes rigorosos, não sendo fácil conseguir atingir a compatibilidade de agendas entre instituições. No período de dois meses e meio desta investigação, foram assim realizadas as seguintes itinerâncias: Rabo de Peixe – Escola Básica de Rabo Peixe (turma de 6º ano e turma especial do PROFIS/Curso de Apoio à Comunidade); Povoação – Escola Básica da Povoação (turma de 6ºano), Escola EB1/J.I da Povoação, Santa Casa da Misericórdia da Povoação (grupo de seniores e grupo de pessoas com deficiência) e Lar de Crianças com ATL; Lagoa – Escola Básica Integrada da Lagoa (turmas de 7º, 8º

---

<sup>43</sup> Cf. Anexo B.

e 9º anos); Fenais da Luz – Centro Comunitário (grupo de idosas) (visita para recolha de testemunhos e de receitas tradicionais da região) –; Capelas – Obra Social Padre Américo Os Gaiatos; e Livramento – Escola Básica 1 Jardim de Infância de Livramento (turmas de 4º ano).

No decorrer de todo este percurso, o acompanhamento das itinerâncias do MM possibilitou o contacto com diferentes comunidades e distintas instituições, abrangendo várias idades e níveis de formação. Cada visita converteu-se numa experiência singular. Impossível será não referir que as viagens realizadas no MM declararam também uma nova noção do sentido de *distância*: nem sempre o perto se mostrava realmente perto. Das vezes em que era impossível seguir na carrinha juntamente com a equipa, enfrentava-se a dificuldade de como chegar aos locais das visitas. A mobilidade, ou a falta dela, foi assim um factor que não pôde deixar de sobressair e de se reflectir, tanto individualmente como colectivamente. A sensação de que a geografia determinava o encontro *com quem* queria ir ao Museu e *para quem* o Museu se queria dirigir, esteve incontornavelmente presente em várias das entrevistas, muitas delas povoadas pela inquietação de uma distância que não era apenas física mas que se imbuía de contornos psicológicos, sócio-económicos e mesmo culturais.

A utopia do MM revela-se assim na multiplicidade de dimensões que consegue alcançar na sua actividade e na aproximação de todas essas distâncias, pois tal como refere o Director do MCM: “A distância é também psicológica, sim. Muitas pessoas que viveram nesta ilha, há trinta ou quarenta anos, chegaram a morrer nas suas freguesias sem nunca virem à cidade. (...) A cidade fazia parte de um imaginário próprio da cidade e da vivência na cidade. Tal como também há um imaginário muito próprio da vivência da ruralidade; agora com a globalização e com muita comunicação existente, (...) é preciso descobrir esta dimensão mais antropológica, (...) há que descobrir o humanismo do homem que centralize o homem na sua inteireza. (...) Mas essas distâncias que se sentem ainda nesta ilha... Há aqui zonas bastante profundas, do São Miguel profundo, onde as pessoas têm dificuldade em se deslocarem à cidade. E há pobreza. É uma ilha com muitos cinzentos de vida e a função do Museu é quebrar este ciclo de pobreza, que está institucionalizado quase. Através do Museu, que com aquilo que leva estabelece ligações com aquelas pessoas, diz da vida das pessoas e questiona-as ao mesmo tempo. (...) Este é o nosso desejo. Claro que, uma coisa, são os projectos, os conceitos, e outra são as vivências, essa dimensão existencial que muitas vezes os projectos não conseguem tocar.”<sup>44</sup>

A intervenção do MM nas instituições que visita constitui-se de um plano de acção definido e faseado. Regra geral, em primeiro lugar, após a chegada da carrinha à instituição, as duas Responsáveis Técnicas do SE/MM dirigem-se ao grupo destinatário da visita onde fazem uma breve apresentação do MCM e do MM. Enquanto isso, no exterior, o motorista apoia na montagem e preparação da carrinha, que normalmente fica estacionada frente à instituição<sup>45</sup>. No interior, e após a

<sup>44</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 7/3/2011.

<sup>45</sup> Cf. Anexo C.

apresentação geral, introduz-se uma das temáticas do MM: o vulcanismo e a origem das ilhas açorianas, auxiliada por uma apresentação *power-point*. Posteriormente, o grupo é dividido em sub-grupos de, no máximo, sete pessoas, que se vão alternadamente dirigindo à carrinha. Após a visita, os grupos participam num *atelier* orientado que, dependendo do público-alvo, pode ou não ter lugar. Com as crianças e adolescentes é normalmente realizado o *atelier do vulcão* (construção de um vulcão em barro e simulação de uma erupção com materiais de consumo alimentar) ou a produção de plasticina biológica (produzida igualmente a partir de produtos de consumo alimentar).

Apesar do *modus operandi* do MM ser bastante estável e estar previamente definido, o desenvolvimento das actividades é permeável a cada público, a cada comunidade. A abordagem à exposição patente na carrinha parte, por exemplo no caso dos idosos, de uma pré-avaliação dos seus interesses e das suas vivências, de modo a que os objectos possam ser integrados numa memória pessoal e colectiva, incentivando um diálogo e não uma abordagem monológica por parte do Museu. No caso dos mais novos, crianças e adolescentes, a experiência é muito mais variável, dependendo muito do nível de atenção que se consegue conquistar e da sua pré-motivação, assegurada muitas vezes pelas próprias instituições.

Todas as visitas acompanhadas demonstraram claramente esta necessidade constante de ajuste e redefinição dos pressupostos iniciais face a cada realidade específica, no entanto, para esta reflexão realçamos a visita à Escola Básica de Rabo de Peixe, instituição inserida numa comunidade com características sociais muito particulares, onde a equipa foi surpreendida por um grupo cujas particularidades fugiam àquilo para o qual se tinha preparado: “Nós estávamos preparadas para uma turma PROFIS, que normalmente são constituídas por jovens em risco, que já abandonaram as escolas e que a segurança social obriga os pais a insistir que os filhos vão à escola senão cortam o rendimento social de inserção. (...) São turmas especiais com poucos alunos com problemas graves de aprendizagem e com outros problemas associados. Acontece que, quando chegámos lá, deparamos com um cenário que ainda não tínhamos visto até hoje. Este era um grupo constituído por treze raparigas, dos 14 aos 17 anos. Uma delas com a filha de meses ao colo porque não tinha com quem a deixar, outras duas grávidas. Quando entras numa sala e estás preparada para falar com uma turma e está lá um bebé de meses no colo da mãe, uma aluna... Eu fiquei, bom, isto não vai correr bem.”<sup>46</sup>

De facto, esta acabou por ser uma das experiências mais marcantes da investigação. Apesar da grande versatilidade e adaptabilidade dos conteúdos, nenhuma das actividades conseguia produzir resultado pois toda a atenção recaía sobre a criança presente. Ainda assim, a visita à carrinha acabou por ser realizada de forma positiva, apenas interrompida pelos restantes alunos que abanavam violentamente a carrinha do lado de fora. Uma vez que o nível de atenção não era o desejado, optou-se nessa visita por não realizar o habitual *atelier*: “Senti que não ia dar certo. (...) Elas não tinham um

---

<sup>46</sup> Excerto de entrevista à Responsável Técnica do SE/MM, realizada no dia 4/3/11.

nível de atenção muito elevado. Ao passar a mensagem tem de se coordenar muito bem o *timing*, porque elas deixam de ouvir e aí opta-se por uma conversa menos formal, porque nós não temos um plano à régua, do tipo tem de ser assim em todos os lados. Optámos por falar com elas, saber o que faziam, porque estavam ali, qual poderia ser o nosso papel (...) e acabou por surgir a abertura para uma nova ida lá e fazer um *atelier* com idosas e essa ideia surgiu daí, delas terem vontade de nós aparecermos lá outra vez para fazer coisas diferentes, elas têm aulas de cozinha e de como gerir e tratar de uma casa. Os nossos conteúdos não tinham nada a ver com a realidade e com as necessidades delas.” (*idem*).

Ainda que a situação relatada não seja claramente o reflexo de uma visita comum, a realização da visita nestas condições extremas fez surgir uma nova questão no plano da investigação: não estará o MM a abdicar da sua essência em prol de uma dinamização mais social do que cultural? A este respeito, atente-se mais uma vez nas palavras da Responsável Técnica do SE/MM: “Para mim só faz sentido se as duas coisas estiverem ligadas. (A componente social e a componente cultural) estão ligadas em todas as comunidades, não é só em Rabo de Peixe, em Ribeira Funda, é em todas, porque é a identidade social de um povo e de uma comunidade. É uma identidade comunitária que nós vamos lá procurar e que nós queremos trabalhar com eles e ter o *feedback* deles. (...) Não é só estarem lá e nós levarmos a cultura.” (*ibidem*).

## **2. Limitações do estudo**

Consciente de que um estudo que pressupõe um projecto de investigação no terreno pode defrontar-se com certas limitações ao seu desenvolvimento, tentou-se neste trabalho – que sobre esse ponto não foi excepção à regra – interpretar positivamente essas limitações. Um dos maiores constrangimentos gerais relacionou-se com a impossibilidade de acompanhamento das viagens na carrinha, uma vez que esta só tinha três lugares, ocupados pelas duas Responsáveis Técnicas e pelo motorista. Desta forma, a deslocação até aos locais de visita efectuou-se sempre de transporte público. Ainda assim, tentou-se sempre que a investigadora chegasse ao mesmo tempo que a restante equipa, de modo a estar integrada na visita e a poder acompanhar toda a actividade.

Ao longo deste percurso, tornou-se também perceptível que a ligação entre a investigadora e a equipa do MM nem sempre se mostrou claramente compreensível para o exterior. O facto de acompanhar a equipa nas suas itinerâncias, chegando e partindo ao mesmo tempo, fez com que grande parte das vezes, tanto os destinatários do MM como os responsáveis pelas instituições, não distinguem-se os diferentes papéis, encarando a investigadora como mais um elemento da equipa. Esse equívoco, aliado ao facto desses mesmos responsáveis já responderem a um questionário do próprio MM no contexto da visita, foi também um dos principais motivos para que não se insistisse nas

entrevistas de investigação – por se considerar que as opiniões expostas estariam já condicionadas. A opção recaiu assim em analisar posteriormente os questionários do MM<sup>47</sup>.

A não distinção entre os diferentes papéis surgiu sobretudo através das crianças envolvidas, que muitas vezes se dirigiam com perguntas, dúvidas e observações. Tal facto tornou-se ainda de maior relevo durante a primeira visita à escola de Rabo de Peixe, onde a não apresentação da investigação às alunas presentes, fez com que durante toda a sessão se tivesse assumido um papel algo constrangedor, levando mesmo a que no final da actividade uma das intervenientes perguntasse: “Quem é aquela senhora?”. Embora a situação tenha sido ultrapassada com alguma comicidade e casualidade, este acontecimento foi fundamental para, posteriormente, se perceber em conjunto com a equipa do MM, qual a melhor forma de introduzir a presença da investigadora.

Outro constrangimento da pesquisa aconteceu na fase final, quando a investigação se viu comprometida pela falta de marcações para a saída do MM. Os motivos prenderam-se com a falta de recursos humanos (uma das Responsáveis Técnicas entrara de férias e o motorista havia sido recrutado para uma outra área de trabalho na instituição), mas também por indisponibilidade de algumas escolas pelo seu próprio calendário de avaliações e/ou férias, assim como de grande parte dos centros de idosos “por se encontrarem em preparação das celebrações do Espírito de Santo”. Tentando perceber e ao mesmo tempo fazer perceber a importância destas saídas para o desenvolvimento do projecto de investigação, este episódio, que não deixou obviamente de fragilizar o trabalho, acabou por ser solucionado com a insistência de novas marcações para visitas.

### **3. O Museu Móvel e a sua relação com a comunidade: até onde e para quem?**

*A cultura, todos sabemos, não é uma esfera isolada da dinâmica social.*

(Silva, 2000)

É partindo da problematização teórica apresentada nos primeiros capítulos, que podemos verificar que o MM é um projecto que potencia a relação do museu com a comunidade, sendo que esse princípio não só se encontra nomeado nos documentos fundadores da própria essência do Museu (na sua missão e objectivos) como também se encontra presente nas suas práticas, as quais contemplam o encontro com grupos específicos muito diversos. Assim, a pergunta *para quem?* tem necessariamente de se colocar em relação com toda a experiência adquirida durante três anos de projecto.

Na pesquisa sobre aquilo que já fora realizado pelo MM, foram notáveis os comentários e avaliações, principalmente dos professores, sobre a necessidade de actividades culturais nas

---

<sup>47</sup> Cf. Anexo D.

populações mais distantes, apontando, na maioria das vezes, o difícil acesso a Ponta Delgada por parte daqueles que por diferentes motivos têm pouca autonomia. Sobre este aspecto expõe-se as interpretações de uma das Responsáveis Técnicas do SE/MM: “A nível cultural as coisas estão ainda muito centralizadas em Ponta Delgada (PDL), talvez porque é a cidade maior, porque é o centro cultural de preferência. (...) É natural que as pessoas de fora deste centro de PDL sintam algumas dificuldades, até por causa da rede de transportes. Um dos grandes problemas e um dos grandes factores de origem do projecto MM é exactamente este... São as coisas estarem de tal maneira centralizadas em PDL que se sente a necessidade de sairmos daqui e ser a instituição ou as instituições a irem ao encontro das populações. Porque a rede de transportes não funciona, aliás é péssima, isto é uma realidade, uma grande lacuna que temos cá na ilha (...) por exemplo, Sete Cidades está a quinze minutos de carro de PDL e no entanto é uma freguesia completamente à parte. (...) Se me disseres que das populações que nós (MM) abrangemos em cem casos, cinco podem vir, eu vou concordar. Os outros noventa e cinco não têm transportes, dinheiro, maneira de vir ao Museu. São escolas, turmas inteiras, é quase impossível... Os nossos públicos, a grande maioria dos nossos públicos (...) são idosos que não têm transporte, não têm maneira de sair daquela freguesia, são crianças cujos pais têm muitas vezes problemas de toxicod dependência ou que vivem com grandes níveis de pobreza e não têm transporte próprio, ou são os jovens que vivem no seu pequeno mundo (...). A grande maioria da população do MM são estes públicos que, por incrível que possa parecer, não têm o hábito de vir a PDL e que, quando vêm, é para ir, não estou a generalizar, não quero fazê-lo, nem se pode, mas uma pequena percentagem dos públicos do MM quando vêm cá, vêm por necessidade de ir ao hospital, o único hospital da ilha, (...) ou vêm porque é festa do Santo Cristo ou algum evento assim.”<sup>48</sup>

Neste seguimento, também a Coordenadora do SE/MM chama a atenção para o facto de existirem muitas disparidades e um grande afastamento “das questões da cultura e da arte de populações que se auto afastaram durante muitos anos”. Deste modo, sublinha que “a população-alvo do MM são essencialmente aqueles que por razões várias estão afastados do Museu, não podem vir por razões de transporte ou porque nunca tiveram esse hábito ou sentiram essa necessidade e muitas escolas também. Há aqui um grave problema com as escolas, que é a incapacidade... normalmente são as Câmaras Municipais que têm a seu cargo os transportes escolares e vê-se que há uma grande lacuna a esse nível. As escolas não conseguem trazer os alunos aos museus facilmente.”<sup>49</sup>

A questão do isolamento de algumas comunidades verifica-se de forma mais acentuada nas escolas: “Quando vamos ter com os professores eles sentem-se apoiados, valorizados, é uma questão de juntar esforços de instituições diferentes que acabam por ser mais producentes. Temos sempre uma grande aceitação, muitos professores estão ávidos para que apareçamos (...) e noto que muitos dos

---

<sup>48</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 4/3/2011.

<sup>49</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 16/3/2011.

públicos-alvo do MM vieram depois ao Museu. Isso é importante, é fidelização. E já vi, numa segunda itinerância, os miúdos terem noções que não tinham antes. Mas é preciso não deixar adormecer, deve ser continuado pelos professores. No início nós deixávamos desafios, ideias para eles desenvolverem, mas poucos foram os que aderiram. Os professores menos isolados estão atentos, querem vir às exposições. Há um circuito que se criou.”<sup>50</sup>

Quanto à relação entre os museus e a comunidade, o presidente da Associação Portuguesa de Museologia dá um testemunho apoiado numa visão prática: “Existem museus que têm uma grande ligação por exemplo com a freguesia a que pertencem. (...) Mas essa questão da comunidade é muito variável e é muito consoante (...) a vontade de ir um bocadinho mais além do próprio museu e sobretudo da pessoa que está a dirigi-lo, e que pode ter uma atitude mais passiva e de questionar porque razão é o museu que tem de fazer o *fishing*. (...) Acredito que os museus podem dar mais do que aquilo que dão. Por exemplo, a APOM defende que as colecções que estão dentro dos museus têm de sair cá para fora, têm de entrar nas salas de aula, que as pessoas têm de sentir proximidade e um entendimento mínimo com as colecções, com os objectos. (...) Porque uma coisa é visitar o museu, outra coisa é entender o que está lá dentro.”<sup>51</sup>

Embora se afirme uma tendência neste trabalho para a aplicação do conceito de comunidade, tal não implica que se exclua a importante noção de público(s). Aliás, durante a investigação foi determinante perceber-se de que modo os vários intervenientes envolvidos no MM se referiam aos destinatários deste projecto. Neste sentido, vale a pena destacar a diversidade de designações utilizadas: “populações”; “gentes micaelenses”; “público-alvo”; “comunidade”; “comunidades”; “público”; “públicos”; “visitantes locais”; “público em geral”; “público local”; “população-alvo”. A vontade de se tentar apreender a forma como são aplicados os conceitos está intrinsecamente ligada à noção fundamental que justapõe “significado, representação e cultura” (Semedo e Lopes, 2006). Porventura numa abordagem *Foucaultiana*<sup>52</sup>, entende-se que a importância da utilização e referência de cada termo ou expressão anunciada pelos profissionais implicados no MM pode ser identificativa de uma forma de observar, de contextualizar e de identificar o próprio projecto, ou seja, “o conceito ou ideia não é mais proposição ou uma regra ou uma frase. É, pelo contrário, comunicação” (*idem*).

Neste aspecto importa destacar a opinião da Coordenadora do SE/MM na primeira reunião, fazendo referência ao conceito chave aplicado à investigação: “É cada vez mais difícil ir ao encontro de uma comunidade, mesmo as comunidades rurais já não são evidentes e está-se a assistir a um

<sup>50</sup> *idem*

<sup>51</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 20/7/2011.

<sup>52</sup> Distanciando-se, tanto da ideia de que a palavra é a coisa, como da concepção platónica de linguagem como representação, Foucault defende que a palavra institui a coisa, ou seja, se a linguagem se coloca em movimento pelos discursos, então, são esses discursos que instituem os objectos de que falamos; é a *discursivização*, o falar sobre que constitui o *referente*. Assim sendo, ele não procede à sua análise partindo do sujeito ou do objecto porque, para ele, esses elementos não existem *a priori*. Eles só vão existir a partir do momento em que forem constituídos por uma prática dentro de uma sociedade, como por exemplo, o corpo. (Grangeiro, *sine anno*)

*envergonhamento* da ruralidade, principalmente nos mais jovens”<sup>53</sup>, referindo-se assim ao contexto social micaelense. Talvez se esteja a assistir de facto à autonomização do indivíduo “face a uma série de vínculos tradicionais específicos” rejeitando progressivamente a vinculação a um *nós* comunitário a partir do qual se partilhava a mesma visão do mundo, o mesmo sistema de valores e os mesmos códigos linguísticos e simbólicos.” (Carmo *et al.*, 2008).

De forma mais assertiva quanto a uma ideia de comunidade foi o testemunho de uma professora do 1º ciclo da EB/JI da Povoação (escola visitada no início desta investigação), a qual, compreendendo que a referência a comunidade estava intrinsecamente “ligada a uma ideia ultrapassada”, chamava a atenção para que: “A vidinha fechada, das raízes, dos produtos da terra, isso já não existe. A cultura europeia acaba por ser o modelo que toda a gente quer imitar. Isto está em transformação, é o multiculturalismo. As pessoas querem é ver as modas na televisão, os costumes de fora. (...) Mas nós cá já temos de tudo. Neste momento as pessoas estão mais habituadas a viajar, vêem mais programas culturais e acabam por estar mais despertas para o que existe à volta e aventuram-se.”<sup>54</sup>

Desde o início em 2008 que o principal objectivo do projecto MM se mantém: o de dar a volta à ilha percorrendo todas as freguesias, visitando escolas, centros de dia e casas do povo, de modo a interagir com todos os tipos de públicos e compreendendo o que representa cada comunidade. O objectivo foi cumprido. Na sede das Criações Periféricas encontramos o mapa da ilha, onde, marcadas com pequenas bandeiras, podemos observar todas as freguesias visitadas pelo MM no primeiro ano de trabalho<sup>55</sup>. A questão *até onde?* aparece assim não apenas como uma questão territorial, mas também como uma questão que se entende ligada a um plano de objectivos que se traçam num contexto sócio-económico complexo. Porém, no terceiro ano consecutivo de projecto, o MM parece encontrar-se, no ponto de vista da investigação realizada, numa espécie de limbo, entre aquilo que continuam a ser os seus resultados e a urgência de uma reflexão quanto ao futuro do projecto, tal como refere o Coordenador da Coleção de História Natural do MCM: “Entrou-se numa espécie de velocidade cruzeiro, mas não tem havido a oportunidade de uma análise, não se têm gerado essas oportunidades de conceptualizar, de se assumir uma nova visão e de se perder o carácter mais experimentalista que o projecto ainda tem. (...) É conceptualmente desejável este confronto, este envolvimento com as comunidades, esta partilha não só do Museu poder levar conhecimento como de poder trazer conhecimento. Há aqui algo de uma Museologia social muito interessante que pode trazer grande valor, quer pelo impacto que se possa produzir sobre as pessoas que se vêem envolvidas nestas iniciativas, quer por aquilo que colectivamente nos podemos apropriar do conhecimento que ainda está

<sup>53</sup> Excerto de depoimento realizado no dia 13/12/2010.

<sup>54</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 3/3/2011.

<sup>55</sup> Cf. Anexo C.



disperso (...). Nomeadamente sobre aquilo que pode ser o património imaterial, que podemos transformar e transmitir.”<sup>56</sup>

#### **4. Os objectos também falam**

Os objectos que são transportados no MM inserem-se numa relação entre os conteúdos expositivos e interpretativos com vista a alcançar um significado cultural e identitário nos seus visitantes (Anico, 2008), a partir de uma matriz pedagógica. No contexto da temática comum que define periodicamente a acção do MM, e sendo que aquando das visitas que foram acompanhadas durante o presente estudo tal temática se prendia com a Agricultura na Ilha de São Miguel, os conteúdos expositivos da carrinha, a abordagem temática que se faz no início a cada grupo e a execução do *atelier* não parecem possuir uma ligação coerente. No entanto, esta opção é justificada pelo “profundo desconhecimento que grande parte das pessoas tem sobre a origem das ilhas, o que de certa forma acaba por estar interligado com o tema da Agricultura.”<sup>57</sup>

De entre os objectos que faziam parte do espólio da carrinha, destacavam-se: um quadro de natureza morta onde figuram alguns alimentos hortícolas pertencente à Colecção de Arte; uma camisa de linho, uma foice, uma dedeira em corno de boi, uma medida de cereais, duas fotografias referentes à debulha do milho e ao arreamento das terras por tracção animal, um saco feito de linho, pertencentes à Colecção de Etnografia Regional; um rato do campo ou “roedor”, um morcego endémico, uma pomba da rocha, uma bomba vulcânica, pertencentes à Colecção de História Natural; um pião, uma bola de peúgas, um carro de bois pintado e vários bonecos para menino e menina feitos de reutilização de materiais representando as gentes do campo, pertencentes à Colecção de Brinquedos Etnográficos.

Na senda de Magalhães (2005), que afirma que “os objectos também falam” e que “o património, constituído por ideias e por objectos com os quais as sociedades afirmam as suas referências perante os outros, é hoje fundamental na celebração da memória e na construção/reconstrução das identidades”, a entrevista à Coordenadora da Colecção de Etnografia ajudou a esclarecer quais as linhas orientadoras que presidiram à selecção dos objectos que constituem o espólio, sabendo à partida que estes se relacionam à volta de uma temática, neste caso sobre as práticas agrícolas na ilha e a vivência da ruralidade: “O conteúdo vai sendo alterado ciclicamente, de tempos a tempos, quando achamos que é conveniente (...). Havia uma base inicial de peças da Colecção de Etnografia relacionadas com o mar, com a terra, com os têxteis, com a indumentária. No ano passado, na sequência das comemorações e das actividades que desenvolvemos no âmbito do Dia dos Monumentos e Sítios, elaborámos um *power point* sobre as culturas do milho e do trigo no

<sup>56</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 29/4/2011.

<sup>57</sup> Excerto de entrevista à Responsável Técnica do SE/MM, realizada no dia 4/3/11.

quotidiano micaelense. Nessa altura optámos por colocar no MM o *power point* e complementar com algumas peças que têm a ver com a actividade agrícola, com a debulha do milho e do trigo, com algumas alfaías agrícolas, alguns têxteis relacionados com a actividade, por exemplo a saca do trigo onde se guardavam os cereais em casa, as medidas utilizadas para os cereais quer em farinha quer em grão e depois acrescentámos também uma peça, uma camisa de homem, e também alguns brinquedos etnográficos ligados à ruralidade, brinquedos de menino e menina, as bonecas de trapos, a bola feita de retalhos com a meia, o pião tradicional. Portanto, tem a ver com a abordagem que se pretende fazer ao meio rural, à terra, e a alguns objectos depois associados, complementares, como no caso dos brinquedos.”<sup>58</sup>

A escolha dos objectos a incluir na carrinha encontra-se ainda limitada por questões de segurança e manutenção das peças. Apesar do MM se possuir a necessidade de transportar em si a linguagem estruturante dos museus, ou seja, de transportar peças do seu património, a verdade é que tem inerente à sua definição um risco de preservação e segurança dessas mesmas peças, pelo uso intensivo, continuado e itinerante. Em conversa com o Coordenador da Colecção de História Natural, procuramos saber como se encara este problema: “Vivemos este dilema. O ideal seria seleccionar as peças independentemente dos constrangimentos de segurança e de conservação. Mas na impossibilidade de fazer isso (...) escolhemos algumas peças que não levantam problemas de conservação (...) (ainda que não sejam) as que melhor serviriam o propósito e a exploração daquele tema. Obviamente que as escolhas são as possíveis. Temos de ter em conta as limitações e é preciso não esquecer que o MM não é para substituir o Museu mas sim uma forma de interacção com os públicos, uma forma de nos apropriarmos do território, sobretudo uma forma de chamar a atenção para a salvaguarda do património, para a importância que o Museu tem nessa salvaguarda.”<sup>59</sup>

Também quanto à relação que se estabelece na recepção destes objectos, ao observar as respostas aos questionários sobre o MM, podemos constatar que as solicitações mais vezes sugeridas pelas instituições se relacionam com as temáticas da história, da geografia e das tradições das ilhas da Região Autónoma dos Açores. No entanto, a mesma entrevista invocada anteriormente mostra-se esclarecedora quanto à necessidade de um contínuo questionamento e problematização destes parâmetros comunicacionais: “Temos de ter formas de interacção diferentes, de ser mais interactivos, que eles se identifiquem mais. (...) Se levarmos apenas um quadro, uma peça, isto não lhes interessa. Temos de ser mais inovadores na forma como chegamos até eles, temos de começar por lhes falar ou mostrar exposições que sejam mais inovadoras na sua performance comunicacional para criar neles uma identidade e uma atenção maior para depois conseguir chegar até eles e mostrar aquilo que mais temos no Museu, quer seja a forma expositiva mais tradicional ou outra. Temos é que, para cada

---

<sup>58</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 16/3/2011.

<sup>59</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 29/4/2011.

público, construir uma forma de comunicação, arranjando meios para que essa comunicação passe e que vá de encontro às expectativas. Se bem que não é fácil perceber as expectativas dos outros, criar sinergias.”<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 29/4/2011.

## CAPÍTULO V: A NARRATIVA DO MUSEU MÓVEL

*Se me pedem uma definição de identidade, confesso que não posso dar nenhuma; é uma noção demasiado simples para admitir uma definição lógica, mas não consigo encontrar palavras para expressar as diferenças específicas entre este e outros conceitos, embora eu não corra o perigo de confundi-lo com outro qualquer.*

(Reid, 1785)

### 1. Ao encontro de memória(s) e de identidade(s)

Na abordagem àquilo que denominamos como narrativa do MM foi inevitável não nos aproximarmos de conceitos como *memória*, *identidade* ou *património*: todos eles estão patentes no discurso dos vários entrevistados tal como na própria matéria-prima do projecto. A este respeito, Anico (2008) refere mesmo que “os lugares de memória são espaços de recordação negociada de um grupo ou de uma sociedade, sempre oscilantes entre história e memória construída. São lugares antropológicos, em que se inclui, portanto, a possibilidade dos percursos que até aí se efectuam, das narrativas e discursos que aí se propõem.”

Tal como já foi referido, a exposição patente na carrinha durante o período de investigação incluía peças do acervo do MCM referentes a diversas colecções, contendo porém um elemento comum: a história da Agricultura na ilha de São Miguel. O tema escolhido para a terceira fase de itinerância do MM deveu-se a uma abordagem que se pretendia fazer ao meio rural e ao trabalho na terra, temáticas que, no parecer da Coordenadora da Colecção de Etnografia Regional se distinguem pelo seu sentido de ligação à comunidade: “Efectivamente, qual é a melhor forma de criar uma empatia ou um elo de ligação com o público local? É por algo que lhe toque, que lhe diga respeito, pela sua história, pela sua cultura, pelos elementos visuais, materiais ou imateriais, com que eles se identificam. (Mesmo) as crianças que se lembram do que a avó contou (...) identificam-se, (porque) há referências do passado no dia-a-dia deles”<sup>61</sup>. Este testemunho leva-nos a uma questão que invariavelmente se liga à procura e defesa da identidade, conceito que para Frederick Barth (1969) compreende uma “manifestação relacional”, sendo que “identidade e alteridade se articulam”. Apostamos nesta definição para reflectir a importância do MM no contexto do MCM, uma vez que este tem como um dos seus objectivos “absorver e trabalhar as identidades das gentes micaelenses”.

Ainda que a já *antiquada* forma de expor os seus objectos, lembrando os gabinetes de curiosidades do séc. XIX, possa não contribuir “para o sucesso da instituição junto do público”

---

<sup>61</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 16/3/2011.

contemporâneo (Sousa, 1977), na casa do MCM reúnem-se estórias que ultrapassam as suas salas e objectos e que se alargam a uma memória colectiva invisível e intransponível: “O Museu era aquele local que era visitado pelos turistas para perceber onde é que estavam, porque havia as colecções de etnografia regional, (...) mas também pelos curiosos que vinham, por exemplo, no Santo Cristo. O Museu abria, havia uma grande afluência de pessoas das outras partes da ilha a Ponta Delgada e fazia parte do ritual vir ao Museu: ver o quadro *Os Emigrantes*, o bezerro de 2 cabeças, a cozinha (...). Às vezes, as pessoas (que recebem) o MM ainda falam nisso.”<sup>62</sup>

De facto, durante o período de investigação, muitas foram as referências ao tempo em que se visitava o MCM na altura das Festividades do Senhor Santo Cristo, ícone da identidade religiosa da ilha. Estas referências vinham sobretudo dos mais idosos que ainda se recordavam dos tempos em que se pernoitava na *cidade* (referindo-se a Ponta Delgada), no convento de Santo André. Aspectos como memória colectiva e identidade estão assim na base do trabalho que o MM realiza, como referiu a Directora da Cresaçor em entrevista: “O MM não pode simplesmente ir. Há que antes estabelecer contactos (...), identificar ao nível da comunidade a sua relação com o Museu, se há um desconhecimento, se por exemplo aquela comunidade está representada no Museu, através de peças ou de obras, etc. Porque quando vamos temos de, no diálogo que estabelecemos com a comunidade, criar uma referência identitária, para que a comunidade também se reveja, se identifique e reconheça que parte do seu património, etnográfico, histórico, cultural, também está presente no Museu. Mais, que reconheça que muitos dos seus objectos do quotidiano, nomeadamente aqueles que são mais ancestrais, têm um valor histórico – de tal maneira que alguns dos objectos que são levados pela carrinha, são objectos que as pessoas mais idosas, por exemplo, reconhecem e lembram. À volta daquele objecto podem-se construir relatos e estórias que muitas vezes propiciam registos etnográficos orais muito interessantes.”<sup>63</sup>

Através dos objectos que transporta, o MM constrói uma narrativa *aberta* que se pretende completar com as memórias individuais e colectivas de quem o recebe. Memórias que podem ser obtidas de forma directa ou indirecta, ou seja, tanto através de histórias e experiências de vida que relacionam o sujeito que as conta com o território – o que acontece normalmente quando são visitadas comunidades com públicos mais idosos – como de forma indirecta, o que acontece normalmente com as crianças que reconhecem na vivência dos seus antepassados a presença de determinados objectos.

Podemos assim afirmar que a presença do MM vive sobretudo deste diálogo. Ele é um “veículo de transmissão” que não impõe uma visão científica sobre os objectos mas que permite simultaneamente produzir e reproduzir uma memória colectiva sobre os mesmos. Esta relação irá permitir, por um lado, reforçar uma ideia de preservação e valorização do património por parte da

---

<sup>62</sup> Excerto de entrevista à Coordenadora do SE/MM, realizada no dia 16/3/2011.

<sup>63</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 23/3/2011.

comunidade e, por outro, enriquecer o MCM com os testemunhos reais que emergem da relação que se estabelece com os objectos. O trabalho de “recolha” e análise do património material e imaterial é aliás uma das actividades mais invocadas pelos entrevistados sobre as potencialidades do MM, o qual poderá igualmente renovar e enriquecer em termos interpretativos as próprias colecções do MCM, sobretudo no que concerne à etnografia regional. A este propósito aponta-se aqui como exemplo o acompanhamento da visita do MM ao centro de convívio de Fenais da Luz, em que o objectivo se centrou na recolha de receitas tradicionais da região. Resultante de uma visita efectuada um ano antes, este encontro constituiu-se na preparação de um almoço que reuniu as senhoras do Centro de Convívio e a equipa do MM. Durante a preparação da refeição, registaram-se igualmente os testemunhos sobre o trabalho na Agricultura naquela freguesia, estabelecendo assim uma ponte com a exposição patente na carrinha.

A ideia do trabalho de recolha, apontado pelos vários profissionais ligados ao MM, é também apontada por Stoffel (2003) que defende que “a investigação e o conhecimento sobre o Património e a História Local representam um precioso contributo para a afirmação e o envolvimento das populações e os Museus devem utilizar esta parte da História Social como um objecto de trabalho, não só em iniciativas ligadas a organização de Colóquios, Conferências ou Debates, mas também utilizando a pesquisa como uma ferramenta de trabalho fundamental para a educação e sensibilização de jovens e adultos”.

Porém, este é um trabalho que exige dedicação e rigor e, acima de tudo, disponibilidade por parte da equipa, pois como ainda refere a autora supracitada: “A inventariação do património e a pesquisa e preservação da memória oral (...) são um campo de pesquisa inesgotável, que precisa do trabalho e dedicação permanente de todos.” Este foi um dos problemas assinalados durante a investigação, uma vez que o material de recolha não se apresentava editado e de fácil acesso, facto assumido e exposto pela própria equipa: “O que me dói, transpondo isto para um lado pessoal, é não poder e não ter tempo para tratar este material todo, que é riquíssimo e que é importantíssimo.”<sup>64</sup>

Contudo, se a recolha do património imaterial e a sua identificação parecem ser uma das potencialidades de um projecto que se pretende zelador da memória e da identidade de uma região, a verdade é que este trabalho, embora interessante ao nível da sua missão, não deixa de apresentar algumas complexidades. Para este ponto chama-nos novamente a atenção o Coordenador da Colecção de História Natural: “Debatemo-nos com problemas diversos, quer a nível do próprio conhecimento quer a nível da metodologia e de uma sistemática que leve realmente a que esse levantamento seja um levantamento estruturado, coerente. Porque património imaterial é por definição *impreservável*. (...) Portanto, é algo que tem de ser pensado na dinâmica do tempo e como registo que tem de ser gerido,

---

<sup>64</sup> Excerto de entrevista à Responsável Técnica do SE/MM, realizada a 4/3/2011.

que tem de ser trabalho, divulgado. Porque se não, vai ser meramente mais um registo. O mais importante não é só o levantamento.”<sup>65</sup>

## **2. Museu Móvel: uma estória com futuro?**

Ao longo desta investigação, uma das questões que se impôs como obrigatória foi a de perceber qual o papel do MM após a abertura do MCM, sabendo que primeiramente este projecto contribuiu para que não houvesse um “hiato de tempo em que nada se fez”, como referiu numa das entrevistas a Coordenadora da Colecção de Etnografia, mas que o seu alcance em muito ultrapassou essa premissa. De entre todos os entrevistados, sobressaiu peremptória a ideia de que o MM continuaria a fazer sentido mesmo após a sede principal do MCM estar a funcionar, pois apesar de ter nascido da vicissitude do Museu ter encerrado para obras, ele “extravasa completamente esse aspecto”, na opinião da Coordenadora do Serviço Educativo, a qual sublinha também que “o projecto continuará a cumprir a sua função.”<sup>66</sup>

Uma das perspectivas que aqui apresentamos pertence, uma vez mais, à Directora da Cresaçor, entidade parceira do projecto MM, que aponta a hipótese de se encarar a carrinha como uma futura extensão do MCM, tão importante como os restantes núcleos do Museu: “Todos estes espaços potenciam formas expositivas diferentes, imagens diferentes, linguagens diferentes, potenciam esta forma de comunicar através da Museologia, através dos objectos ou não apenas através dos objectos, através da imagem e destas novas linguagens associadas que a Museologia tem sabido trabalhar muito bem. Portanto, o MM é uma extensão do MCM que potencia uma nova forma de comunicar aquilo que é a essência do Museu e ainda se move, podendo assim atrair ainda mais público para o Museu e para os seus três núcleos. Naturalmente que os objectivos terão de ser, no final de cada ano, redefinidos, mediante uma avaliação séria daquilo que naquele ano aconteceu e dos objectivos que foram concretizados ou (ficaram) por concretizar... e de outras coisas que identificaram novos caminhos a percorrer. Portanto já não temos aquele conceito de museu do séc. XIX e, se queremos que os públicos sejam atraídos para os museus, temos de inovar o modo como comunicamos através da Museologia, através dos objectos, porque estes têm dinâmicas, contam histórias”.<sup>67</sup>

A criação e fidelização de novos públicos para o Museu poderá vir a ser outra das potencialidades do MM no futuro, tal como observou a Coordenadora das Criações Periféricas: “O MM faz sentido nesta terra até se criarem públicos. Uma coisa que continua a não ter aposta é a criação de públicos”<sup>68</sup>. No caso do Presidente da APOM, quando interrogado sobre se fará sentido a

<sup>65</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 29/4/2011.

<sup>66</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 16/3/2011.

<sup>67</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 23/3/2011.

<sup>68</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 11/4/2011.

continuação do MM após abertura do MCM, a sua opinião, interessante também porque mais distanciada, pende para o facto de que o Museu “não pode ficar apenas quietinho no seu espaço à espera de receber as pessoas”, enfatizando a importância da carrinha itinerante porque “as pessoas gostam que lhes dêem atenção e este é um projecto que lhes dá atenção. As pessoas sentem-se reconhecidas. (...) Os museus para sobreviverem têm de dar um salto em frente, não podemos estar à espera que a nossa actividade seja apenas receber pessoas. Os museus têm de sair da sua esfera. (...) Temos de acarinhar a sociedade. (...) Se calhar quando reabrir até vai ter mais pessoas, porque as pessoas não perderam essa ligação.”<sup>69</sup>

Porém, o êxito deste projecto de concepção ambiciosa no que respeita, não só, aos seus objectivos, como também, aos meios que possibilitam alcançá-los, está sobretudo ligado a duas componentes. Uma delas refere-se à própria equipa responsável, à sua motivação e à sua capacidade de renovar constantemente metodologias e práticas de actuação. Durante a investigação, a relação de proximidade que se estabeleceu com a equipa do MM, acompanhando, ouvindo e registando as suas potencialidades mas também as suas fragilidades, fez perceber que este era um dos pontos centrais para o sucesso deste projecto, sobretudo porque a relação que se estabelece com as comunidades, em última análise, estabelece-se entre indivíduos e não entre instituições (Watson, 2007). A outra componente relaciona-se, tal como afirma o Coordenador da Colecção de História Natural, com a necessidade de meios financeiros disponíveis, pois apesar de este ser “um projecto de grande relevância, de grande interesse e com um valor acrescentado do ponto de vista cultural e da consciencialização das comunidades para o seu património e para a salvaguarda do seu património (...) não é uma operação rentável em lado nenhum, muito menos numa região pequena como a nossa e com as limitações que temos.”<sup>70</sup>

Neste sentido, urge a pergunta: poderá o futuro do MM estar hipotecado numa época contextualizada por uma crise financeira em que a vertente cultural parece estar praticamente ausente das grandes preocupações políticas? Como se defende um projecto como este num contexto de uma asfixia económica global? Quais os argumentos que podem suportar resultados tão difíceis de serem quantitativamente calculados? Sobre estes aspectos, prossegue o anterior entrevistado: “Os indicadores do êxito e do cumprimento dos objectivos são muito difíceis de fazer, são em muitos casos a médio, longo prazo, diluem-se nas populações e não são uns meros inquéritos de satisfação das pessoas que realmente podem traduzir as vantagens e o valor acrescentado deste projecto. (...) O MM não é um projecto que se diga que se faz mesmo sem financiamento, (...) nem é um projecto que se possa avaliar pelo número de pessoas envolvidas. Os impactos têm de ser analisados a outras distâncias. Portanto, tem de haver essa consciência de que há um valor acrescentado muito grande neste projecto

<sup>69</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 20/7/2011.

<sup>70</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 29/4/2011.



e (é necessário) que seja assumido politicamente custear uma operação como esta, pois financeiramente esta acção é cara.”

Para além de tudo isto, o MM poderá também apoiar na valorização do património, aliada ao desenvolvimento local, ideia sublinhada pela Coordenadora das Criações Periféricas: “O MM pode ser o porta-voz da valorização do património edificado, natural, oral, etc. das freguesias. O MM pode contribuir para o desenvolvimento local porque se se conseguir que as pessoas das freguesias sintam a sua localidade valorizada, elas aprendem a respeitá-lo e sentem-se melhor pertencendo àquele lugar. O que se sente neste momento é que há uma fuga, um virar as costas, nomeadamente nesta que é uma região agrícola, rural, as novas gerações estão a virar as costas à terra, há um abandono das freguesias. O MM tem a vantagem de ir ter com as pessoas, não espera que as pessoas vão até ele. E é importante não cingir tudo à cidade. Mesmo quando o MCM abrir há inúmeras coisas que o MM pode continuar a fazer, nomeadamente serem eles a terem o projecto de recolha de património, de oralidade, que está a ser feito pela universidade, pois o problema da universidade é que é fechada à população.”<sup>71</sup>

Ainda sobre este ponto, o testemunho do Director do MCM acaba também por ser demonstrativo da unanimidade que se estabelece quanto à pertinência da continuação do MM: “Mesmo estando o Museu com todos os pólos a funcionar, este pólo (o MM) tem de continuar a funcionar para que o Museu seja um lugar de todos e para todos, Museu de inclusão e de território. Porque esta carrinha é, toda ela, uma provocação e chama a atenção pela sua excentricidade. Veio afirmar de forma pública que há que construir redes sociais. É a questão de uma ética que se põe aqui, ética cultural que passa. Não podemos estar indiferentes à pobreza. É uma valência, nós temos de nos situar neste território, tomar consciência do que é a ilha de São Miguel. A gente não pode perder esta dimensão, esta função social. A nossa ideia é com as pessoas e incluindo sempre as comunidades, (levando-as) a criar grupos de defesa do seu próprio património, quer dizer, a desenvolver essa consciência cívica e participativa, democrática sobre o seu próprio património... São fontanários, são igrejas, são casas, são bens, são histórias, saberes, tudo... O Museu é isto tudo, quer dizer, é a vida, não é olhar para o passado.”<sup>72</sup>

<sup>71</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 12/4/2011.

<sup>72</sup> Excerto de entrevista realizada no dia 7/3/2011.

## CONCLUSÃO

Como se operacionaliza a relação entre o museu e a comunidade? Por que razão, num mundo que responde a tantas eras e a tantas tentativas de reinterpretação do seu espaço e do seu tempo, o museu, mais do que qualquer outra instituição cultural, aparece como figura de salvaguarda de uma memória colectiva que resiste a todas estas transformações? Quando falamos de sociedade idealizamos um palco cada vez mais alargado, com múltiplos cenários, cujas problemáticas se revelam cada vez mais complexas. Neste sentido, acompanhado de todas estas questões, este trabalho partiu também da convicção que é necessário um pensamento de aproximação ao real feito de uma forma aberta e holística.

Situando-se numa zona de fronteira, esta dissertação teve como grande desafio o posicionamento constante entre a sociologia, a cultura, a antropologia, a história, a política, a academia, e o contido desejo de actuar contíguo ao acto de observar. Mais do que dissertar, o grande objectivo deste trabalho derivou da necessidade de experimentar e descobrir, de se contracenar com o real e com o presente. Por esse motivo se decidiu ir para o terreno, exercitando os novos mecanismos adquiridos e conquistados ao longo de um ano e meio das mais abrangentes teorias. Integrar uma instituição, como aconteceu no caso da investigação que aqui apresentamos, pressupõe o estabelecer de relações com um grupo de pessoas cujas características pessoais e profissionais se devem aprender, apreender e compreender, também de modo a nos podermos posicionar face à própria instituição, escolhendo entre a vontade de encontrar a nossa verdade para a instituição – o que justificaria da melhor forma o nosso empreendimento – e a necessidade de permeabilidade e aceitação da sua verdade própria, do seu tempo, das suas idiossincrasias e contradições. A opção por este segundo caminho prendeu-se assim com o facto de se acreditar que as instituições existem essencialmente pelas pessoas que nelas habitam, pelos seus problemas e pelas suas resoluções.

Apesar da escolha de um museu enquanto instituição cultural que servisse de objecto de estudo não ter sido óbvia, sobretudo pelo facto de não existir previamente qualquer ligação profissional ou académica a este universo, tal possibilitou a imersão nessa esfera dual que os museus representam enquanto instituições que são simultaneamente simbólicas, promovendo encontros, conexões de tempos, de memórias e de desejos, e potencialmente inócuas e paralisantes. Por todo o país e em todo o mundo, os museus multiplicam-se. São frequentes as referências a um novo museu, seja a uma casa-museu, a um museu local ou a um museu regional, dando conta de uma urgência de conservar, de uma necessidade de manter, mas principalmente de um acreditar que a palavra *museu* influencia, ainda, as pessoas e as restantes instituições e estruturas da sociedade. Os museus são casas de expressão da humanidade e da sua busca pelo conhecimento, que fazem tanto mais sentido quanto mais se revelarem dinâmicas e praticantes da alteridade.

Era de várias *eras* – da globalização, da informação, da comunicação, das novas tecnologias – a contemporaneidade obriga a que nos questionemos quanto às problemáticas da proximidade e da distância que se estabelece entre uns e outros. Somos mais iguais ou mais diferentes? Incluímos mais ou excluimos melhor? Vivendo igualmente numa era de desconfiança sobre as instituições políticas e sociais, as vertentes da cultura, da arte e do conhecimento a si associados, parecem assim evidenciar-se como uma das vias mais seguras e genuínas na luta contra a ostracização das comunidades e do seu património material e imaterial, visando um desenvolvimento feito a partir de um reconhecimento local e culturalmente sustentado.

Através do acompanhamento do Museu Móvel e dos testemunhos recolhidos pretendeu-se verificar como pode um projecto desta natureza contribuir para intensificar a relação do Museu Carlos Machado com o território, e que meios e metodologias são utilizados de forma a potenciar a relação com a comunidade. A história da instituição museu e a dimensão social que esta acarreta foram factores decisivos na escolha do objecto de estudo desta investigação em que se pretendeu igualmente reflectir sobre o significado de comunidade e sobre a sua representação num mundo globalizado. Temática sobejamente analisada e discutida teoricamente, a relação dos museus com a comunidade revela-se ainda assim como essencial no exercício da função social que, indiscutivelmente, os museus do presente e *para o futuro* devem apresentar e sustentar.

Resultado desta investigação, observou-se que o Museu Móvel optou por definir como destinatários da sua acção a comunidade educativa, como o caso das Escolas e Centros de ATL – cujo objectivo central é a formação e sensibilização de novos públicos para o Museu –, e as comunidades constituídas por aqueles que, por falta de mobilidade ou por motivos de exclusão social, se afastam não só das actividades do Museu Carlos Machado, mas da oferta cultural em geral, como são a maioria dos casos dos utentes das Instituições de Solidariedade Social, Lares de Apoio, Casas do Povo, entre outros. Observou-se também que o Museu Móvel opta, no que se refere aos conteúdos Museográficos, por seleccionar temáticas, objectos e abordagens próximas da realidade, vivências e tradições micaelenses. Tal como nos sugeriram os depoimentos dos profissionais implicados no projecto, esta é uma das formas de chegar mais directamente a todo o tipo de destinatários, introduzindo numa perspectiva pedagógica e ao mesmo tempo lúdica, aspectos que podem facilmente envolver as pessoas na sua ligação com o território.

Tal como se tentou demonstrar, a abordagem do Museu Móvel insere-se assim numa relação entre a divulgação do Museu Carlos Machado e a preservação e recolha de uma memória colectiva, com vista a ser interpretada e divulgada. Esse é, simultaneamente, um dos objectivos e a grande potencialidade deste projecto que, desde 2008, tem contribuído para “revitalizar” o Museu Carlos Machado com os conhecimentos e experiências obtidas no terreno, mas também com um entendimento mais aprofundado de quem são os seus potenciais públicos e de que forma o Museu

pode chegar até eles. Não deixando de apontar as fragilidades inerentes a este tipo de projectos, no que concerne por exemplo às questões da sua relação interna no seio do Museu Carlos Machado, ou aos seus financiamentos e recursos humanos, o Museu Móvel evidencia-se como uma aposta bem conseguida de um dos mais emblemáticos museus nacionais. A sua missão não deve, no entanto, deixar de ser reequacionada, de modo a potenciar as suas mais-valias, acolhendo outros formatos expositivos e relacionais para que o trabalho recíproco e partilhado com a comunidade se constitua de um crescendo de pertinência e acutilância, que se espelhe na valorização da identidade, da memória, do património e do desenvolvimento local.

## BIBLIOGRAFIA

- Albergaria, Maria Emanuel (2009), “Museus em Rede” *Boletim da Rede Portuguesa de Museus*, 32, Junho de 2009.
- Almeida, Ferreira (2009), “Éden Ambulante”, *Jornal Terra Nostra*, Ponta Delgada, 1 de Maio de 2009.
- Anico, Marta (2008), *Museus e Pós-Modernidade – Discursos e Performances em contextos Museológicos Locais*, Lisboa, UTL-ISCSP.
- Appadurai, A. (1996), *Modernity at large. Cultural Dimensions og Globalizations*, Minneapolis, University of Minnesota Press, *Locais*, Lisboa, UTL-ISCSP.
- Barriga, Sara e Susana Gomes da Silva (coord.) (2007), *Serviços educativos na cultura*, Porto, Coleção Públicos, nº2, Setepés.
- Barth, Frederick (1969), [http://www.apantropologia.net/congresso2009/4congresso\\_painel3.asp](http://www.apantropologia.net/congresso2009/4congresso_painel3.asp), consultado a 6 de Agosto de 2011.
- Camacho, Clara Frayão (2007), “Serviços educativos na Rede Portuguesa de Museus: panorâmica e perspectivas” in Sara Barriga e Susana Gomes da Silva (coord.), *Serviços educativos na cultura*, Porto, Coleção Públicos, nº2, Setepés.
- Campenhoudt, LucVan e Raymond Quivy (1992), *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa, Edições Gradiva.
- Carmo, Renato Miguel *et al* (2008), *A globalização no divã*, Lisboa, Edição Tinta da China.
- Carvalho, Cláudia (2006), “As Culturas Locais na Pós-modernidade: dinâmicas culturais entre o local e o global”, *Cadernos do Observatório dos Poderes Locais*, 8.
- Conde, Idalina (2010), “Espaços, Indivíduos e Identidades”, conferência realizada no ISCTE a 25 de Novembro de 2010, Lisboa.
- Costa, António Firmino da (2011), *Sociologia*, Lisboa, Quimera Editores.
- Costa, António Firmino da e Maria das Dores Guerreiro (1984), *O Trágico e o Contraste: O Fado no Bairro de Alfama*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.
- Davis, Peter (1999), *Place Exploration: Museums, identity, community*, apud Sheila Watson *et al* (2007), *Museums and their Communities*, Oxon, Routledge.
- Duarte, Ana (2007), *Serviços Educativos na Cultura*, Porto, Coleção Públicos, nº 2, Setepés.
- Esquenazi, Jean-Pierre (2003), *Sociologie des Publics*, Paris, Ed. La Découverte.
- Falk, John H. e Lynn D. Dierking (1992), *The museum experience, (sine loco)*, Whalesback Books, apud Sara Barriga e Susana Gomes da Silva (2007), *Serviços educativos na cultura*, Porto, Coleção Públicos, nº2, Setepés.
- Faro, Suzana (2006), *Museus: objectos de desejo? Desafios de comunicação com públicos periféricos*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Ferreira, Fernando Ilídio da Silva (2003), *O Estudo do Local em Educação: Dinâmicas Socioeducativas em Paredes de Coura*, Braga, Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.
- Fortuna, Carlos (2001), *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras, Edições Celta.
- Giddens, Anthony (2002), *As Consequências da Modernidade*, Oeiras, Edições Celta.
- Gomes, Rui Telmo e Vanda Lourenço (2009), *Democratização Cultural e Formação de Públicos – Inquérito aos Serviços Educativos em Portugal*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- Grangeiro, Cláudia (*sine anno*), *A propósito do conceito de formação discursiva em Michel Foucault e Michel Pêcheux*, <http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/clauidiagrangoiro.pdf>, consultado a 20 de Junho de 2011.
- Henriques, Eduardo Brito (2002), “Novos desafios e tendências das políticas culturais: Tendências nas democracias desenvolvidas e especificidades do caso português”, *Finisterra*, XXXII, 73, pp. 61-80.
- Hernández, Francisca (1998), *O Museu como espaço de comunicação*, Gijon, Ed. Trea.

- ICOM (2007), <http://icom.Museum/who-we-are/the-vision/Museum-definition.html>, consultado a 23 de Junho de 2011.
- Jaumain, Serge (2000), *Les Musées en mouvement*, Bruxelas, Editions de la Université de Bruxelles.
- Julião, Letícia (2000), *Apontamentos sobre a História do Museu*, [http://www.museus.gov.br/downloads/cadernodiretrizes\\_segundaparte.pdf](http://www.museus.gov.br/downloads/cadernodiretrizes_segundaparte.pdf), consultado a 24 de Junho de 2011.
- Lira, Sérgio (2000), “Funções ideológicas dos museus portugueses: uma herança cultural”, comunicação apresentada no VI Congresso de Cultura Europeia em Dezembro de 2000, Pamplona, [http://www2.ufp.pt/~slira/artigos/vicongressodeculturaeuropeiapamplona.htm#\\_ftn5](http://www2.ufp.pt/~slira/artigos/vicongressodeculturaeuropeiapamplona.htm#_ftn5), consultado a 18 de Maio de 2011.
- Lopes, José Júlio (1998), “A origem dos dramas do futuro”, *Revista de Comunicação e Linguagens*, Edições Cosmos, org. Paulo Filipe Monteiro.
- Magalhães, Fernando (2005), *Museus, Património e Identidade*, Porto, Profedições.
- Mason, Rhiannon (2005), *Museums, galleries and heritage.sites of meaning-making and communication*, London, *apud* Marta Anico (2008), *Museus e Pós-Modernidade – Discursos e Performances em contextos Museológicos Locais*, Lisboa, UTL-ISCSP.
- Mayor, Frederic (1989), abertura da XV Conferência Geral do ICOM, <http://www.mestrado-museologia.net/Moutinho.htm>, consultado a 23 de Julho de 2011.
- MCM – Museu Carlos Machado (2006), <http://Museucarlosmachado.azores.gov.pt/Museu/missao.aspx>, consultado a 10 de Junho de 2011.
- Melo, Duarte e Anne Stichelmans (2009), *O Museu em Sua Casa: reflexos de uma insularidade*, Ponta Delgada, Edição Museu Carlos Machado.
- MINOM (*sine anno*), [http://www.minom-icom.net/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12:round-table-santiago-chile-pt&catid=2:presentation&Itemid=2](http://www.minom-icom.net/index.php?option=com_content&view=article&id=12:round-table-santiago-chile-pt&catid=2:presentation&Itemid=2), consultado a 29 de Maio de 2011.
- Mota, Maria Madalena Soares de Oliveira (1975), “Museus para quê?”, *Actas de colóquio*, APOM.
- Moutinho, Mário (1993), “Sobre o conceito de museologia social”, *Cadernos da Museologia*, 1.
- Moutinho, Mário (1998), “A construção do objecto Museológico”, *Cadernos de Sócio Museologia*, 1, ULHT.
- Neves, José Soares (*sine anno*), “Museus em Portugal: Elementos para uma caracterização”, *IV Congresso Português de Sociologia*, [http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR462df95cb4b1d\\_1.PDF](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462df95cb4b1d_1.PDF), consultado a 3 de Agosto de 2011.
- Pearce, S. (1994), *Interpreting Objects and Collections*, Leicester and Lodon, Leicester Univ. Press, *apud* Marta Anico (2008), *Museus e Pós-Modernidade – Discursos e Performances em contextos Museológicos Locais*, Lisboa, UTL-ISCSP.
- Pimentel, Cristina (2005), *O Sistema Museológico Português 1833-1991: em direcção a um novo modelo teórico para o seu estudo*, Lisboa, Edição Fundação Calouste Gulbenkian.
- Reid, Thomas (1785), *Essays in the Intellectual Powers of Man*, (*sine loco*), (*sine nomine*), *apud* Onésimo Almeida (1995), “Em busca de clarificação do conceito de Identidade cultural – O caso açoriano como cobaia”, *actas do Congresso do I Centenário da Autonomia dos Açores*, <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/ensaio60.htm>, consultado a 3 de Agosto de 2011.
- Santos, Helena (2003), “A propósito dos públicos culturais: uma reflexão ilustrada para um caso português”, *Revista Crítica de Ciências Culturais*, 67.
- Santos, Maria Célia T. Moura (2000), *Museu e Comunidade: uma relação necessária*, São Paulo, 13ª Reunião Anual do Instituto Biológico.
- Semedo, Alice e João Teixeira Lopes (2006), *Museus, Discursos e representações*, Porto, Edições Afrontamento.
- Silva, Augusto Santos (1994), “Tradição, Modernidade e Desenvolvimento: Portugal na Integração Europeia”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 39.
- Silva, Augusto Santos (2000), *Parte Devida*, Porto, Edições Afrontamento.
- Silva, Augusto Santos e José Madureira Pinto (2001), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento.

Sousa, Nestor de (1977), “Projecto de reestruturação do Museu Carlos Machado”, Ponta Delgada, in AAVV, *Museu da região, Pólo dinamizador da acção cultural, Actas do Colóquio APOM 77*.

Sousa, Sílvia Fonseca e (2009), *A Museologia na Ilha de São Miguel: 1974-2008*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores.

Stoffel, Ana Mercedes (2003), *O Papel dos Museus Locais no Desenvolvimento das Sociedades*, <http://www.tintafresca.net/News/newsdetail.aspx?news=52ecbd7b-25a2-404b-8790-74ed2f6bc869&edition=124>, consultado a 4 de Agosto de 2011.

Trilla, Jaume (coord.) (1998), *Animação Sócio-Cultural – Teorias, Programas e Âmbitos*, Lisboa, Edições Instituto Piaget.

UNESCO (2007), <http://www.unesco.pt/cgi-bin/home.php>, consultado a 23 de Junho de 2011.

Watson, Sheila *et al* (2007), *Museums and their Communities*, Oxon, Routledge.

#### **Sites consultados:**

<http://Museucarlosmachado.azores.gov.pt/Museumovel/projecto.aspx>

<http://www.infopedia.pt>, consultado a 23 d Junho de 2011.

[http://www.ipMuseus.pt/Data/Documents/RPM/Legislacao\\_Relevante/lei\\_dos\\_Museus.pdf](http://www.ipMuseus.pt/Data/Documents/RPM/Legislacao_Relevante/lei_dos_Museus.pdf), consultado a 22 de Junho de 2011.

[http://www.ipMuseus.pt/pt-PT/rpm/Museus\\_rpm/rpm\\_acores/ContentList.aspx](http://www.ipMuseus.pt/pt-PT/rpm/Museus_rpm/rpm_acores/ContentList.aspx), consultado a 23 de Junho de 2011.

<http://www.min-cultura.pt/>, consultado a 23 de Junho de 2011.

<http://www.oac.pt/menuobservatorio.htm>, consultado a 23 de Junho de 2011.

## ANEXOS

### Anexo A: guiões base para entrevistas

#### DIRECÇÃO DO MUSEU COORDENAÇÃO DE PROJECTO MUSEU MÓVEL

NOMES: Dr. Duarte Melo e Dra. Maria Albergaria

FUNÇÕES: Director do MCM e Coordenadora do Serviço Educativo e do MM

#### O MUSEU MÓVEL

1. O MM determinou com um dos seus objectivos o contacto directo com as populações da ilha, porque é que houve esta necessidade de criar um museu itinerante e desenvolver as actividades fora da cidade, de ponta delgada?
2. Como se desenvolveu a pré-produção deste projecto? Que tipo de levantamento/ pesquisa foi realizado nomeadamente em relação às comunidades/ instituições que iriam visitar?
3. Estão no 3º ano de MM, em que fase se encontra este projecto?
4. Como vêem o futuro do MM? Ou seja, quando abrirem as portas do MCM, pretendem continuar com esta actividade?
5. Como preferem designar num âmbito mais específico os destinatários do MM? Comunidades? Públicos?
6. Como é que o MCM se revê na relação com a comunidade?
7. Esta ideia de *levar* o museu não protela a relação com o que é o museu enquanto instituição?
8. Qual é o passo a dar depois de toda esta experiência já adquirida?
9. A partir da experiência de três anos de itinerâncias, como é que caracterizam o contexto social actual da ilha?

#### ENTREVISTA AOS RESPONSÁVEIS PELAS COLECÇÕES PATENTES NO MM

NOMES: Dra. Sílvia Fonseca de Sousa e Dr. João Paulo Constança

FUNÇÕES: Coordenadora da Colecção de Etnografia Regional e Coordenador da Colecção de História Natural

1. Qual foi o critério na escolha dos objectos que estão neste momento na carrinha?
2. Já tinha colaborado anteriormente na escolha de objectos em exposições do MM?
3. O que a motiva neste projecto?
4. Que relação é que estes objectos ainda estabelecem com a comunidade, com esta identidade que o museu também pretende promover?
5. Considera que o MM e as suas exposições que têm apresentado ao longo destes 3 anos espelham a relação com a comunidade...?



6. De que forma as peças escolhidas para integrarem o Museu Móvel pretendem espelhar o MCM?

#### ENTREVISTA À DIRECÇÃO DA CRESAÇOR

NOME: Dra. Célia Pereira

FUNÇÃO: Directora da Cresaçor

1. No que consiste o trabalho da Cresaçor?
2. Como surge a valência Criações Periferias ligada ao sector cultural?
3. Como surge esta parceria com o MCM?
4. De que forma a vossa experiência de campo com diferentes públicos e instituições auxiliou o projecto MM?
5. O MM tem cerca de 3 anos, quais são os objectivos que estão por cumprir, qual o passo que tem de se dar depois desta experiência que foi adquirida?
6. Como vêem o futuro do MM após abertura da sede principal do MCM?
7. Considera que à centralidade em São Miguel a nível de oferta e desenvolvimento cultural?



**Anexo C: fotografias**



Figuras 1 e 2: Fotografias da carrinha do Museu Móvel  
aquando das visitas a Lagoa e a Povoação.





Figuras 3 e 4: Fotografias do Mapa 2008 de itinerâncias do Museu Móvel.





Figuras 5 e 6: Fotografias ilustrativas do trabalho desenvolvido aquando das visitas do Museu Móvel a Rabo de Peixe e a Povoação.





Figuras 6 e 7: Fotografias ilustrativas do trabalho desenvolvido aquando das visitas do Museu a Móvel a Povoação e a Fenais da Luz.

Anexo D: documentos do Museu Carlos Machado

A SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE PARA NÓS!  
POR FAVOR NÃO DEIXE DE RESPONDER A ESTE INQUÉRITO.

MUSEU MÓVEL  
FICHA DE AVALIAÇÃO DA ITINERÂNCIA 2011

Data da itinerância 10 / 3 / 2011 Localidade: Povoação  
Instituição: Santa Casa da Misericórdia da Povoação  
Faixa etária dos 26 aos 48 (anos) N.º de destinatários 10  
Nome do responsável Ane Tachado / Sandra Carneiro  
Contacto Tel.: 296 585 452 Email: sandra.carneiro@scm-povoacao.pt

Qual a opinião geral sobre esta itinerância (professores e alunos)?  
É uma excelente forma de se tornar experientes e estabelecer um contacto mais directo com a população. A opinião deste deve ser sempre tida em conta.

Opinião sobre o projecto Museu Móvel.  
É uma boa possibilidade de quem não tem oportunidade de ir ao Edifício do Museu, de visualizar aquilo que está presente, bem como de ter contacto com alguns dos objectos e o conteúdo.

Gostariam que a carinha do Museu fosse ao vosso encontro para explorar algum tema ou colecção do Museu específica? Que tipo de actividades gostariam que fossem desenvolvidas?  
Apesar de considerarmos se não possível a ambula visual e táctil para o conteúdo do Museu, seria interessante que o público pudesse visualizar mais a vida do museu. Ex para manter certas actividades.

Observações: \_\_\_\_\_

De um modo geral consideram:

Conteúdos – Muito Bom	<input type="checkbox"/>	Bom	<input checked="" type="checkbox"/>	Razoável	<input type="checkbox"/>	Fraco	<input type="checkbox"/>	Mau	<input type="checkbox"/>
Exposição – Muito Bom	<input type="checkbox"/>	Bom	<input checked="" type="checkbox"/>	Razoável	<input type="checkbox"/>	Fraco	<input type="checkbox"/>	Mau	<input type="checkbox"/>
Orientação – Muito Bom	<input type="checkbox"/>	Bom	<input checked="" type="checkbox"/>	Razoável	<input type="checkbox"/>	Fraco	<input type="checkbox"/>	Mau	<input type="checkbox"/>

Entre em contacto com o SE do Museu Carlos Machado.  
Tel.: 296 202 930 Fax: 296 629 504 Email: [museucm@gmail.com](mailto:museucm@gmail.com)  
<http://museucarlosmachado.azores.gov.pt>

Obriado pela sua colaboração!

Figura 8: Ficha de avaliação de itinerância 2011 do Museu Móvel.



MUSEU MÓVEL

FICHA DE AVALIAÇÃO DA ITINERÂNCIA 2010

10 h30  
Data da itinerância 16 / 4 / 2010 Localidade: Lagoa  
Instituição Polivalente de Água de Pau  
Faixa etária dos 15 aos 20 (anos) N.º de destinatários 16 + 3 ac. = 19  
Nome do responsável Teresa Viveiros, Carolina Correia e Sara Jones  
Contacto tel. 296 926 100 Email \_\_\_\_\_

Qual a opinião geral sobre esta itinerância (professores e alunos)?

A itinerância superou as expectativas. A população alvo interagiu com o serviço educativo iniciando a atividade, havendo um momento de troca de experiências. Para além disso os conhecimentos foram transmitidos de uma forma interessante e o atelier foi uma mais valia a toda a atividade.

Opinião sobre o projecto Museu Móvel.

O projecto Museu Móvel é sem dúvida um projecto de integral valor: permite às comunidades mais distantes o acesso e o contacto com parte do espólio do Museu. Nesta população específica (idosos) torna-se ainda mais valioso dado que é uma população que não tem tanta autonomia.

Gostariam que a carrinha do Museu fosse ao vosso encontro para explorar algum tema ou colecção do Museu específica? Que tipo de actividades gostariam que fossem desenvolvidas?

Desempenhar actividades com a população jovem dando a conhecer artistas/escultores como parte da história. Em relação à população mais idosa seria interessante que esta tivesse acesso ao vídeo desta actividade. A CML através do programa Abir irá procurar articular outras actividades com o Museu.

Observações:

Parabéns ao serviço educativo do Museu Carlos Machado.

Entre em contacto com o SE do Museu Carlos Machado.

Tel. 296283814

Fax 296629504

Email: [museumovelmcm@gmail.com](mailto:museumovelmcm@gmail.com)

<http://museucarlosmachado.azores.gov.pt>

Obrigado pela sua colaboração

Figura 9: Ficha de avaliação de itinerância 2010 do Museu Móvel.





MUSEU CARLOS MACHADO  
Serviço Educativo

**MUSEU MÓVEL**  
**FICHA DE ITINERÂNCIA**

Data da visita \_\_ / \_\_ / \_\_ Hora \_\_\_\_\_ Tema / colecção \_\_\_\_\_

Elo de ligação / contacto \_\_\_\_\_

Entidade / instituição \_\_\_\_\_

Localidade \_\_\_\_\_

Nº de participantes \_\_\_\_\_

Faixa etária \_\_\_\_\_

Orientadores/ monitores \_\_\_\_\_

Actividades desenvolvidas:

---

---

Património visitado / documentado:

---

---

Principal Património defendido:

---

---

Outras observações:

---

---

Figura 10: Ficha de registo de itinerância do Museu Móvel.

Anexo E: outros documentos

Notícias – 1º ano do projecto Museu Móvel

6 | REGIONAL

Açoriano Oriental

TERÇA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO DE 2008

# Museu Móvel leva património a toda a ilha de São Miguel

JOÃO CORDEIRO  
joao.cordeiro@acorianoooriental.pt

"O Museu Móvel" é o novo projecto do Museu Carlos Machado, que arranca na próxima quinta-feira na ilha de São Miguel, tendo como principais objectivos a transformação da instituição numa "espaço de inclusão" e sensibilização da população para a importância do património e da sua preservação.

Trata-se de uma iniciativa inédita em Portugal, que assenta na circulação de uma carrinha reformulada e adaptada para transportar, mostrar e divulgar peças e património do museu sediado em Ponta Delgada.

Com o seu lançamento, o Museu Carlos Machado pretende concretizar dois dos pontos fundamentais da sua missão: afirmar-se como espaço de inclusão de onde não se excluem populações normalmente alheias ao conhecimento museológico - quer seja por pertencem a diferentes níveis socioculturais, quer pela distância física que existe entre as suas localidades e o museu -, assim como transformar-se num museu de território que não se restrinja à cidade onde está sediado mas que se estenda também a toda a ilha de São Miguel.

Outro dos objectivos do projecto "O Museu Móvel" tem a ver com o contacto directo com as populações mais distantes dos seus núcleos centrais, sensibilizando os seus visitantes para a importância do património e para a necessidade da respectiva preservação.

Enquanto projecto que aposta na mobilidade, "O Museu Móvel" pretende percorrer toda a ilha, desde o lado ocidental até ao concelho mais oriental.



Sete Cidades será ponto de partida para esta iniciativa

## O MUSEU MÓVEL: Primeiras peças a serem divulgadas estão definidas

**Fotografia** Imagens das Sete Cidades, do início do século XX, do espólio do coronel Francisco Afonso de Chaves, naturalista, geofísico e principalmente meteorologista, área em que se destacou. | 1

**Cedro do mato** Peça da colecção de História Natural do Museu Carlos Machado, que foi encontrado durante a escavação do túnel das Sete Cidades, a 133 metros da abertura leste, com mais de 4 mil anos. | 1

Inicialmente, o percurso vai contar com duas viagens semanais, com arranque na freguesia das Sete Cidades e percorrendo a costa norte da ilha em direcção a leste.

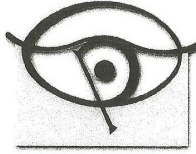
Para levar a cabo este projecto, vão ser estabelecidas parcerias com diversas entidades locais por toda a ilha de São Miguel, entre as quais juntas de freguesia, paróquias, casas do povo e outras associações, que têm acolhido a ideia de uma forma bastante entusiástica.

Em relação a este destino inicial, a carrinha vai mostrar fotografias de inícios do século XX, alusivas às Sete Cidades, do espólio do coronel Francisco Afonso de Chaves, açoriano que colaborou com Carlos Machado na pre-

paração do Gabinete de História Natural do Liceu de Ponta Delgada, embrião do actual Museu Carlos Machado, e um conjunto de objectos do acervo do museu, relacionados com o imaginário, as tradições e vivências das Sete Cidades, como por exemplo as lavadeiras, ou o próprio galho do cedro do mato, descoberto durante a escavação do túnel entre a lagoa azul e os Mosteiros, datado cientificamente em mais de 4.000 anos.

A sessão de apresentação do projecto, a que se associa o presidente do Governo Regional dos Açores, Carlos César, está agendada para as 17h30 da próxima quinta-feira, junto à Casa do Povo da freguesia das Sete Cidades. | 1

Figura 11: Recorte de um artigo referente ao Museu Móvel que apareceu no Jornal Açoriano Ocidental de 2 de Setembro de 2008.



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE MUSEOLOGIA  
Pessoa Colectiva de Utilidade Pública

Prémios APOM de Museologia de 2008

*Diploma*

O Júri dos Prémios APOM de Museologia de 2008 atribuiu o Prémio

*Melhor Serviço de Extensão Cultural*

*Museu Carlos Machado  
de Ponta Delgada*

O Presidente do Júri

*João Neto*  
(João Neto)

Lisboa, *7* de *Novembro* de 2009

Figura 12: Diploma do Museu Móvel relativo ao prémio da APOM em 2008.